

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE  
GRAJAÚ CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS HABILITAÇÃO  
EM GEOGRAFIA**

**ELIENE COELHO GOMES**

**AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE ENTRE  
ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO EM GRAJAÚ-MA**

**GRAJAÚ – MA**

**2020**

**ELIENE COELHO GOMES**

**AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE ENTRE  
ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO EM GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em Geografia por esta instituição.

**Orientador: Me. Samuel Correa Duarte**

**GRAJAÚ – MA**

**2020**

ELIENE COELHO GOMES

**AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE ENTRE  
ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO EM GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em Geografia por esta instituição.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**GRAJAÚ – MA**

**2020**

## AGRADECIMENTOS

Diante de tamanha conquista é impossível não agradecer primeiramente a Deus que sempre esteve tão presente em todos os momentos da minha vida, ainda que eu não percebesse em algumas situações. Em meio às dificuldades e por vezes desespero, sentia lá no fundo que tudo ia acabar dando certo. Com isso, sou eternamente grata a Ele pelas forças que me mostraram ser capaz.

Aos meus pais, Espedito e Olinda que com dedicação constante contribuíram significativamente para que eu chegasse até aqui, fazendo mais que o possível para que as coisas acontecessem da melhor forma. Foram anos de incentivo, motivação e apoio que possibilitaram essa tão sonhada realidade.

Aos meus irmãos, Jamielson, Elielson, Adailton e Aurélio que também participaram dessa jornada, ajudando-me com muito carinho sempre que necessário e possível, cada um à sua maneira. Obrigada pela paciência e disposição a mim apresentada.

Às minhas irmãs, Luciene que dividiu não só a sala de aula comigo, mas os trabalhos, as dificuldades, as noites acordadas, os estresses e alguns desentendimentos (rs), mas sobretudo o desejo de chegar até o fim dando o seu melhor. À Elieuda, que sempre com bom humor transformava alguns momentos entediados em sorrisos, falando de coisas sem sentido às vezes, mas mudando completamente o clima. À Jaqueline, que nas horas apertadas realizou tarefas que deveriam ser feitas por mim, diminuindo meu trabalho. De maneira geral, as três assumiram papéis relevantes nesta caminhada e sempre serão minha fonte de incentivo, companheirismo e carinho.

Aos meus amigos presenteados pela universidade, Alcione, Daniel, Lea, Gabriela, Danilo, Luan, Ismael e Neide, conhecidos como “humildes”, que foram grandes colaboradores durante a toda trajetória do curso, dividindo amizade, conhecimento e forças.

A todos os colegas de turma, e sobretudo a cada mestre professor que com responsabilidade compartilharam conhecimento, possibilitando a nossa formação docente. Dentro e fora da sala de aula nos ensinaram coisas valiosas, que serão levadas para a profissão e para a vida.

Ao meu primeiro mestre orientador, José Eduardo Oliveira, que me ajudou a encontrar uma linha de pesquisa, indicando qual o melhor caminho a seguir, com paciência e compreensão.

Ao mestre Samuel Correa, que se disponibilizou a me orientar, tornando possível a finalização deste trabalho, dando sentido a pesquisa com seu conhecimento e sabedoria admirável. Minha gratidão a sua paciência, compreensão, apoio e incentivo.

Mais uma vez, aos meus amigos, Danilo por sua boa vontade em me ajudar na aplicação dos questionários e a Luciene e Lea por sempre me ajudar no esclarecimento de muitas questões, amadurecimento de ideias, revisão e correção do trabalho.

Aos meus pastores, líderes de mocidade e irmãos em Cristo pelas orações, pelas palavras confortantes e por compreender minha ausência em alguns momentos nas atividades da igreja.

Por fim, aos meus amigos e familiares pela torcida de sempre.

## RESUMO

As redes sociais virtuais fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas no contexto contemporâneo e têm influenciado de maneira característica nas interações sociais. No entanto, observa-se que esse uso é mais frequente quando se trata de adolescentes. Este público então se caracteriza como o grupo mais vulnerável aos efeitos do espaço virtual, sendo influenciados com maior força pelos dispositivos tecnológicos da atualidade, construindo-se subjetivamente a partir desses novos elementos. Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como as redes sociais virtuais se constituem enquanto um dispositivo produtor de subjetividade no adolescente grajauense, a partir do uso que esses sujeitos fazem do espaço virtual. Desta feita, utilizou-se de pesquisa quantiquantitativa e quanto aos procedimentos pesquisa bibliográfica e de campo. No que diz respeito a coleta de dados, aplicou-se questionários com perguntas abertas e fechadas, referentes ao uso das mídias sociais. Para tanto, a base teórica utilizada foi a concepção de Deleuze e Guattari sobre a subjetividade enquanto um processo de construção, complementada com a discussão de autores como Hall (2006), Goffman (2002) e outros estudiosos que em muito contribuíram na elaboração da pesquisa. Deste modo, através da aplicação da pesquisa constatou-se que os adolescentes do município de Grajaú-Ma se utilizam das redes sociais virtuais, sobretudo para se relacionarem com outras pessoas, demonstrando que suas interações sociais são dinâmicas e influenciadas pelos múltiplos elementos disponíveis na rede.

**Palavras-Chaves:** Adolescentes. Redes sociais virtuais. Produção de Subjetividade.

## ABSTRACT

Virtual social networks are part of the daily lives of thousands of people in the contemporary context and have influenced in a characteristic way in social interactions. However, it is observed that this use is more frequent when it comes to adolescents. This public is then characterized as the group most vulnerable to the effects of virtual space, being influenced with greater force by the technological devices of today, building subjectively from these new elements. In this sense, the present research had as a general objective to understand how virtual social networks are constituted as a device that produces subjectivity in adolescents from Grajau, based on the use that these subjects make of virtual space. This time, quantitative and qualitative research was used and as for the bibliographic and field research procedures. With regard to data collection, questionnaires with open and closed questions were applied, referring to the use of social media. For this, the theoretical basis used was the conception of Deleuze and Guattari on subjectivity as a construction process, complemented with the discussion of authors such as Hall (2006), Goffman (2002) and other scholars who contributed a lot in the elaboration of the research . Thus, through the application of the research it was found that adolescents in the municipality of Grajaú-Ma use virtual social networks, especially to relate to other people, demonstrating that their social interactions are dynamic and influenced by the multiple elements available on the network.

Keywords: Adolescents. Virtual social networks. Production of Subjectivity.

## Lista de siglas

CGI.BR	Comitê Gestor de Internet no Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMMECL	Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima
EMRT	Escola Municipal Reunida da Tresidela
FEMEC	Feminino Escola Maria Elisa Cunha
FERT	Feminino Escola Reunida da Tresidela
GBI.BR KIDS	Comitê Gestor de Internet no Brasil Kids
MEMEC	Masculino Escola Maria Elisa Cunha
MERT	Masculino Escola Reunida da Tresidela
OMS	Organização Mundial da Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## Lista de quadros

Quadro 1: Resumo dos descentramentos do sujeito do Iluminismo apontados por Hall (2006).....	36
Quadro 2: Tipos de sujeito segundo Hall (2006).....	39
Quadro 3: Os três tipos de linhas identificadas por Deleuze e Guattari.....	43
Quadro 4: Teorias utilizadas para a formulação da discussão sobre a questão da subjetividade.....	49
Quadro 05: Páginas e perfis apontados pelos alunos.....	64

## Lista de figuras

Gráfico 1: Idade.....	53
Gráfico 2: Sexo.....	54
Gráfico 3: Que redes sociais utiliza.....	55
Gráfico 4: Em qual rede social costuma ficar mais tempo online.....	57
Gráfico 5: Frequência de acesso às redes sociais.....	58



Gráfico 6: Quantas horas diárias passa conectado às redes sociais.....59

Gráfico 7: Qual o aparelho mais utilizado para acessar as redes sociais.....60

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 SOBRE AS REDES SOCIAIS, CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA .....</b>	<b>13</b>
1.1.1 AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS, MÍDIAS SOCIAIS OU <i>SITES</i> DE REDES SOCIAIS.....	16
1.2 O ADOLESCENTE NA REDE.....	19
1.3 HIBRIDIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E DO ESPAÇO PRIVADO.....	24
1.4 METODOLOGIA .....	28
<b>1.4.1 Lócus da pesquisa .....</b>	<b>29</b>
<b>1.4.2 Sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>30</b>
<b>2 A PRODUÇÃO SUBJETIVA NO ESPAÇO VIRTUAL .....</b>	<b>31</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>51</b>
3.1 AS ESCOLAS-CAMPO: ESCOLA REUNIDA DA TRESIDELA E ESCOLA MUNICIPAL MARIA ELISA CUNHA.....	51
3.2 DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos e conseqüentemente a criação das redes sociais virtuais proporcionaram grandes transformações na forma de comunicação da sociedade atual, alterando em diversos sentidos alguns elementos culturais, como hábitos, costumes e práticas, demonstrando ser então, uma ferramenta de potenciais significativos na vida dos sujeitos contemporâneos.

Sabe-se que os dispositivos tecnológicos, hoje, fazem parte do cotidiano de mais da metade da população brasileira e são importantes ferramentas de interação social, utilizada pelos diferentes grupos de pessoas como crianças, adolescentes, adultos e idosos. Neste sentido, destaca-se que o uso das redes sociais por parte da população adolescente tem se intensificado nos últimos anos, se fazendo cada vez mais presente no cotidiano deste, sendo em muitos casos considerado um uso excessivo.

Desta forma, essas novas tecnologias de comunicação têm causado impactos nas relações pessoais, principalmente do adolescente onde se observa maior dependência dos espaços virtuais. Diante disso, as redes sociais virtuais são em grande medida novos dispositivos produtores de subjetividade da sociedade contemporânea, tendo em vista que para Deleuze e Guattari a subjetividade é um processo construído a partir de diferentes elementos que fazem parte da vida do sujeito.

Neste sentido, o presente trabalho busca discutir como as redes sociais se constitui enquanto produtora de subjetividade no adolescente, tomando por base a comunidade juvenil da cidade de Grajaú Maranhão, onde se observa a presença destas redes nos seus relacionamentos sociais. Para tanto, optou-se por uma abordagem plurimetodológica, sendo ela qualitativa e quantitativa. Assim, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de campo, e para coleta de dados recorreu-se a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas.

Nesta perspectiva, ressalta-se que o interesse pela pesquisa nasce de uma curiosidade pessoal, pois como toda jovem nascida na era digital, faço uso das redes sociais com certa frequência, e, através desse uso, pude observar como cada vez mais cedo os adolescentes são envolvidos neste meio virtual, e, como esse uso interfere em diversos aspectos na vida social do adolescente, como por exemplo entendimento entre aquilo que é privado, quando se observa a exposição de sentimentos, frustrações, etc., em um espaço essencialmente público, que são as redes sociais. Essa oscilação entre o público e o privado, traz situações embaraçosas, em comentários, compartilhamentos, que se prologam até a esfera da produção da subjetividade, do espaço privado ao público. Ao observar essas situações, o

objeto de pesquisa foi se desenhando, e, o interesse de pesquisar a produção de subjetividade a partir das redes sociais, que são bem presentes na vida de todo adolescente e jovem hoje em dia, se manifestou.

Logo, sabendo pois, do amplo e livre acesso que a comunidade juvenil possui sobre as redes sociais e do poder de atração que esta exerce sobre eles, é de grande relevância o embasamento a respeito da forma como este meio de interatividade interfere e produz a subjetividade do adolescente, de maneira a refletir no seu modo de agir, especialmente dos grajauenses, que é o lócus de pesquisa.

Assim, compreendendo que nesta era digital as redes sociais fazem parte do cotidiano dos adolescentes e afetam significativamente na produção de subjetividade dos indivíduos, proporcionando por muitas vezes, embaraços nesse processo, logo, um estudo sobre esses espaços virtuais, e, como a produção de subjetividade se delineia neles, é socialmente importante.

Visto isto, refletir sobre o espaço virtual e a produção subjetiva proporcionada por esse universo, ressignifica as relações sociais, traz novos eventos a serem compreendidos e estudados, produzindo um saber sobre problemas atuais.

Portanto, para compreensão deste estudo organizamo-lo em partes e o dividimos em três de capítulos, a fim de alcançar o objetivo proposto, citado anteriormente.

Desta feita, no primeiro capítulo buscou-se discutir acerca do conceito de rede social tomando como principal base teórica os estudos de Manuel Castells (2005) e Pierre Levy (1999). Com isto, aborda-se algumas considerações a respeito da sociedade contemporânea que Castells (2005) designa de Sociedade em rede, bem como a formação do ciberespaço que constrói a cibercultura defendido por Levy (1999).

Além disso, discute-se ainda sobre o adolescente e a sua relação com as redes sociais virtuais apresentando dados do Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.Br)<sup>1</sup>, que dispõe informações acerca da utilização das redes sociais por parte dos adolescentes. Por fim, discorre-se a respeito do público e privado, considerando a discussão de Hannah Arendt (2007) e de Richard Sennett (2015).

O segundo capítulo visa discutir acerca da produção de subjetividade do/no sujeito contemporâneo tecendo uma relação desta produção com o espaço virtual. Para isso, utiliza-se autores de suma relevância para essa discussão como, Deleuze e Guattari (1980) um

---

<sup>1</sup> O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.Br) é a organização multissetorial responsável pela coordenação e integração de iniciativas relacionadas ao uso e funcionamento da internet no país. Dentre uma de suas atribuições também está a promoção de estudos sobre a utilização de internet no território brasileiro.

dos principais teóricos a defenderem a subjetividade enquanto um processo de construção. Ademais, autores com Stuart Hall (2006), Erving Goffman (2002) e outros também aparecem no texto contribuindo significativamente no entendimento da formação do sujeito.

O terceiro capítulo, portanto, é dedicado a exposição dos resultados obtidos com a pesquisa. Inicialmente, apresentaremos de maneira breve alguns aspectos das escolas em que se aplicou os questionários e posteriormente será apresentado gráficos e outros elementos com dados agregados, expondo a totalidade das informações e em seguida a comparação dos dados no próprio texto. Por fim, serão expostas as considerações finais do presente trabalho.

Em todo caso, a divisão e a organização deste trabalho são importantes e faz-se necessária no tocante a compreensão da presente pesquisa, que se propõe a interpretar a construção da subjetividade nos adolescentes contemporâneos a partir da utilização constante das redes sociais virtuais em Grajaú-MA.

## 1 SOBRE AS REDES SOCIAIS, CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA

A ação comunicativa é um aspecto necessário do modo de vida humano, que desde muito cedo buscou meios para se expressar e interagir com os outros a sua volta. Assim, elementos como a pintura e outras artes, bem como a fala e a escrita, possuem papéis importantes no processo de comunicação.

A comunicação é um componente de suma relevância para as organizações em sociedade, pois sem uma linguagem em comum é impossível estabelecer a ordem e defender os interesses de cada grupo social. Deste modo, por meio da comunicação, tornou-se possível a consolidação de diferentes organizações sociais, que ao longo do tempo vêm se transformando continuamente.

É notável que desde que o homem passou a se organizar em sociedade, diversos aspectos sociais passaram por diversas transformações, em decorrência de múltiplos fatores. Neste sentido, notamos que as práticas sociais, as relações, os costumes, o cotidiano e a cultura de determinados povos se diferem em diferentes épocas e, de modo geral, altera-se continuamente, sobretudo na era digital contemporânea.

Diante disso, podemos inferir que na atualidade a tecnologia traduz-se num dos principais instrumentos para que ocorram tais mudanças, tendo em vista que a sua inserção no meio social provoca significativas alterações nas relações humanas, na cultura e outras.

Desta feita, discutir-se-á acerca da relação sociedade e tecnologia, tomando como referências principais, autores como Manuell Castells (2005), que discorre sobre as sociedades em redes, apresentando um modelo estrutural deste tipo de sociedade, e Pierre Levy (1999), que concebe o conceito de “ciberespaço” e “cibercultura”.

Sabe-se que a tecnologia sempre esteve presente no cotidiano do homem, sendo uma de suas principais aliadas para as atividades do cotidiano, auxiliando-o nas tarefas mais simples e naquelas mais complexas. Sociedade e tecnologia caminham juntas e se transformam continuamente, sendo que na contemporaneidade isto se evidencia com mais facilidade com a presença dos meios tecnológicos de informação e comunicação.

Com isso, podemos afirmar que com a chegada destas tecnologias a estrutura da sociedade, bem como suas formas de relações se transformam com mais força e rapidez, tendo em vista que se trata de ferramentas altamente desenvolvidas que oferecem novidades a todo instante para as diversas áreas da vida humana.

Castells (2005) afirma que esse processo de transformação estrutural na sociedade, vem ocorrendo há duas décadas, resultado de múltiplos aspectos. Dentre estes, podemos destacar, essencialmente, a emergência das tecnologias de informação e comunicação, que começaram a ganhar solidez a partir dos anos 60.

De acordo com o autor, a tecnologia não transforma o meio por si só, pois esta é produto da sociedade e se desenvolve a partir das necessidades do corpo social, segundo seus interesses e possibilidades. Assim, “a tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes”. (CASTELLS, 2005, p. 17).

Deste modo, tecnologia e sociedade agem em conjunto no desenvolvimento de uma nova estrutura social, onde uma interfere na outra para que isso ocorra. Neste sentido, tanto a tecnologia transforma a sociedade quanto a sociedade é influenciada pela tecnologia.

Sob esta perspectiva, destaca-se que este processo decorre atendendo às necessidades humanas que criam e recriam de acordo com seus interesses, assim, “por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade”. (Lévy, 1999, p. 24).

Com este fenômeno, podemos assistir o surgimento de um novo momento histórico, na qual Manuel Castells vai denominar de “Sociedade em rede” ao passo que Pierre Lévy a estuda a partir do conceito Cibercultura. Ambos colocam a internet como a estruturante desses conceitos e das novas relações que surgem a partir desse modelo de sociedade.

Segundo Castells (2005), as relações em rede, assim como conhecimento e informação, sempre estiveram no centro da nossa sociedade, o que a torna diferente na atualidade é o fato de serem de base tecnológica, isto é, em todas as épocas, as sociedades estabeleceram redes e sempre existiu redes sociais, a novidade do nosso século é o fato de estas relações serem mediadas tecnologicamente a partir da informática.

Silva (1999) contribui com o debate ao afirmar que, “o conceito de rede sempre esteve presente enquanto elemento estruturante das relações cognitivas e sociais, contudo na década de 90 assiste-se à hiperbolização do conceito de rede com a expansão das redes e serviços telemáticos” (SILVA, 1999, p. 01). Assim, podemos dizer que a partir do surgimento da tecnologia de informação e comunicação o conceito de rede foi ressignificado, tendo em vista que a forte presença destas técnicas ampliou as relações em rede.

Com isto, afirma-se que na contemporaneidade as redes sociais constituem-se em estruturas concebidas no interior e no exterior da internet, por pessoas e instituições que se

ligam a partir de valores e interesses comuns, fortalecendo a nova organização da sociedade em rede.

Para Castells (2005),

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CASTELLS, 2005, p. 20)

A partir de Castells, entende-se, que a sociedade organizada em rede na atualidade tem como base, uma nova estrutura que se utiliza da tecnologia de comunicação e informação para o estabelecimento das relações que se formam através dessas ferramentas, fortalecendo e possibilitando o desenvolvimento deste sistema.

Deste modo, podemos afirmar que no contexto contemporâneo é notadamente impossível entendermos a sociedade, sobretudo as redes concebidas nela, sem abordarmos a evolução das tecnologias de informação e comunicação, tendo em vista que este espaço da microeletrônica tem sido o campo de deslocamento e intercâmbio do conhecimento e da socialização, englobando portanto, computadores, pessoas e informações.

Sobre a mesma questão, Pierre Levy (1999) desenvolve o conceito de ciberespaço contribuindo significativamente nesta discussão. Segundo este autor,

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo [...]. (LÉVY, 1999, p.17).

Lévy, concebe, portanto, o ciberespaço enquanto o espaço formado por uma base técnica que é a rede mundial de computadores que se interconectam através da internet e que abriga uma infinidade de informações alimentadas pelo homem, que se apropria desse espaço utilizando-o de todas as maneiras possíveis.

Para este autor o surgimento do ciberespaço se caracteriza como algo positivo, tendo em vista que a partir dessas conexões o ser humano tem a oportunidade de experimentar um novo espaço de comunicação, explorando nele as suas potencialidades úteis para o campo econômico, cultural, político e humano (LÉVY, 1999).

É neste universo da comunicação e da informação que se constitui o campo da cibercultura. O seu plano se forma a partir do entrelaço do homem e o ciberespaço, ou seja,



das relações, dos hábitos, dos costumes e das práticas processadas na internet. Assim, cibercultura se desenvolve no ciberespaço. Nas palavras de Lévy: “o neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Trata-se de uma cultura que surgiu e se modifica constantemente através da rede de computadores e dos múltiplos suportes tecnológicos que possibilitam a comunicação e o entretenimento. Estas inovações adentram o espaço social e contribuem para o surgimento de uma nova configuração cultural - a cibercultura – na medida em que cada vez mais dependemos desse espaço para nos relacionar, nos atualizar, produzir e acessar o conhecimento.

Neste sentido, podemos dizer que a evolução da técnica provocou fortes impactos na cultura, alterando o comportamento, as práticas e sobretudo, a maneira de comunicar entre os homens, construindo uma nova humanidade. Não deve ser encarado, no entanto, como algo negativo ou estranho, tendo em vista que as transformações sempre acompanharam o ser humano, sendo fruto de suas capacidades cognitivas.

Deste modo, os estudos acerca do mundo contemporâneo tornam-se de grande relevância para a compreensão desta nova organização social, que se configura a partir de novas técnicas e que se encontra cada vez mais dependente das telas dos computadores e de todo o conjunto tecnológico para se manter ativo e produtivo.

## 1.1 AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS, MÍDIAS SOCIAIS OU *SITES* DE REDES SOCIAIS

Sendo, pois, a internet a novidade do século, sabe-se que sua utilização tem sido destinada a diversos fins, o que compreende principalmente a aderência às redes sociais virtuais no meio juvenil. Deste modo, é notório que essas redes fazem parte da contemporaneidade e do dia-a-dia de milhões de pessoas que interagem entre si por meio da rede mundial de computadores.

A oportunidade que os usuários têm de se comunicar com várias outras pessoas de maneira rápida e instantânea de qualquer parte do mundo, por um baixo custo, foi um dos fatores que proporcionaram a difusão das redes, tornando-as cada vez mais popular.

Neste sentido, as redes sociais virtuais, sem dúvida é considerado um fenômeno da atualidade, tendo em vista que por meio delas as relações sociais foram reestruturadas de maneira surpreendente, tornando-se cada vez mais dinâmicas e diversificadas.

Segundo Zenha (2017/2018, p. 24)

Entende-se, como Rede Social online, o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria (desenho/mapa de um conceito) que se organiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum.

Diante disso, retomamos o conceito de rede social apresentado na seção anterior, mas agora inserindo-o a partir das conexões operadas pela tecnologia de informação e comunicação atual, que possibilita com maior intensidade a troca de comunicação e a conexão entre as pessoas.

Em outras palavras, as redes sociais virtuais são viabilizadas por meio da internet que possibilita a criação de perfis público em uma plataforma digital, na qual os usuários estabelecerão relações com base em interesses e gostos em comum. Neste contexto, estas plataformas podem ser tratadas como *sites* de redes sociais.

Desta feita, será apresentada algumas considerações acerca dos *sites* de redes sociais que mais aparecem no contexto contemporâneo, evidenciando algumas de suas características e suas utilidades para os relacionamentos sociais da atualidade.

Para isso, será abordado aspectos do Whatsapp, Facebook e Instagram, uma vez que esses são os *sites* de redes sociais ou mídias sociais mais utilizados pelos brasileiros, conforme foi publicado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR) em 2019.

O Whatsapp trata-se de um aplicativo de mensagens instantâneas que permite a troca de mensagens, fotos, vídeos e documentos, e ainda a realização de ligações de voz e vídeo precisando somente de conexão com a internet. Por meio deste aplicativo as pessoas têm a oportunidade de conversar com as outras de maneira mais simples e mais rápida, pagando pouco por isso.

O aplicativo pode ser baixado gratuitamente no celular e para ser usado precisa fornecer o número de telefone do usuário a fim de que ele mantenha contato com os demais contatos da sua lista telefônica. O que chama atenção é que as conversas podem ser realizadas utilizando alguns elementos, como *emoticons*, figurinhas e *gif*, que tornam o bate-papo mais divertido e interessante.

Por meio do Whatsapp há também a possibilidade de criação de grupos, que permitem uma maior interação e aproximação entre pessoas do mesmo grupo social, sendo então um espaço destinado ao compartilhamento de ideias e interesses em comum. Além disso, destaca-se o compartilhamento de fotos e vídeos na aba *status* que ficam visíveis para

os contatos agendados durante o período de 24h, desaparecendo automaticamente logo após esse tempo.

Neste sentido, o Whatsapp é considerado uma rede social, tendo em vista que promove a interação entre diferentes grupos de pessoas sem levar em consideração as distâncias geográficas, sendo utilizado para a construção de relações sociais, mesmo que de maneira mais privativa.

Por outro lado, ao tratarmos do Facebook e Instagram enquanto redes sociais virtuais veremos que as questões imbricadas nessas plataformas são mais abrangentes, haja vista que trata-se de redes que atingem uma maior interação nos relacionamentos virtuais, sendo em muitos casos difícil de mensurar os efeitos provenientes dessas relações.

Pereira (2015) coloca que,

O ambiente virtual por caracterizar-se como democrático, liberatório e instantâneo é local de inserção de vários tipos sociais. É nesse momento que se imagina a socialização da comunidade, porém devido a grande diversidade e difícil controle acaba por disseminar informações não adequadas a todo tipo de público. (PEREIRA, 2015, p. 6)

Nesta perspectiva, essas mídias sociais se caracterizam enquanto um espaço mais amplo de socialização, onde há uma maior circulação de pessoas e informações, sendo então um ambiente que requer maior atenção quanto às atividades que se desenrolam nelas, pois em diversos casos podem ser perigosas.

Facebook e Instagram possuem suas diferenças e particularidades, no entanto para a discussão serão tratados conjuntamente, já que também possuem similaridades. Deste modo, será destacado alguns elementos existentes nessas redes que nos permitem conhecer, ainda que de maneira reduzida, a configuração dessas plataformas e o que elas oferecem para o campo das interações.

Destacamos inicialmente, que para fazer parte dessas redes faz-se necessário criar uma conta, que requer alguns dados do usuário, como nome, idade, gênero e email ou número de telefone e a criação de uma senha de acesso. Em seguida, o usuário cria um perfil para si que inclui foto e outras informações que trace seu perfil identitário.

O usuário pode ter controle sobre as informações que são prestadas, podendo ocultar algumas e torná-las privadas. Do mesmo, o usuário decide quem serão seus amigos no caso do Facebook ou seguidores, no caso do Instagram, os quais manterá contato mais direto.

Essas redes oportunizam a publicação de fotos, vídeos, mensagens de texto e outras no *feed*, a partir dos quais os demais usuários, anteriormente aceitos pelo usuário da conta, poderão reagir com comentários, curtidas e compartilhamentos.

Além disso, assim como no Whatsapp estas mídias sociais também permitem a publicação de *stories*, (postagens que ficam disponíveis numa aba específica por 24 horas) que geralmente são utilizadas para a exposição da vida cotidiana, fatos simples do dia a dia, publicidade e propagandas comerciais.

De maneira geral, as redes sociais são destinadas ao compartilhamento de momentos importantes vivenciados pelos usuários, para a manifestação de pontos de vista, bem como para o acompanhamento das atividades desempenhadas pelos demais usuários. Segundo Recuero (2009, p. 36) “a interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet”.

Tais atividades, demonstram o quanto as relações sociais são estruturadas a partir de novos elementos, nos revelando que no campo das interações sociais diversos aspectos devem ser levados em consideração a fim de que se compreenda em que sentido esses instrumentos interferem na construção subjetiva dos adolescentes.

## 1.2 O ADOLESCENTE NA REDE

O advento da internet de fato tem interferido significativamente na sociedade e vem influenciando de maneira característica no modo subjetivo dos indivíduos, sobretudo nos jovens e adolescentes, que se apresentam como o grupo mais vulnerável às novidades tecnológicas de comunicação, conhecidos nesse contexto como *nativos digitais*<sup>2</sup>.

O espaço das redes se caracteriza enquanto o ideal para novas formas de relacionamento, entretenimento e para a troca de informação e comunicação em tempo real. Por tais motivos, torna-se atrativo e o interesse por aderir a estas práticas e conectar-se ao mundo virtual tem sido preferência para as novas gerações, que nascidos na era digital se apropriam com mais facilidade dos meios tecnológicos do que as gerações anteriores.

O espaço virtual formado a partir das redes sociais na internet ganha notoriedade por diversos fatores, dentre eles a atratividade, a facilidade de acesso e a rapidez na interação com qualquer parte do mundo. Neste sentido, podemos inferir o motivo de cada vez mais, termos pessoas “*logadas*” no espaço das redes.

---

<sup>2</sup>O termo nativo digital foi utilizado inicialmente pelo americano Marc Prensky (2001) para designar a geração nascida entre a década de 1980 e 1990 que cresceu em meio a uma cultura digital. Em decorrência da crescente interação das pessoas com os meios tecnológicos o termo vem sendo discutido com frequência e ganhado cada vez mais espaço no âmbito dos estudos científicos.

Por tais razões, percebemos, portanto, uma reestruturação nas relações sociais, tendo em vista que agora estas se operam tanto no real quanto no espaço virtual, online e off-line, presencial e a distância. Neste sentido, podemos falar numa ampliação no modo das interações sociais, pois agora estão acrescidas de novos acontecimentos por meio da internet.

Em vista disso, estar conectado tornou-se uma necessidade para as relações sociais contemporâneas, pois as redes incorporaram-se ao espaço da socialização, tornando possível uma relação mais próxima entre iguais e diferentes por meio da virtualidade.

Neste sentido, diversas atividades que antes só eram possíveis através do contato presencial e físico ou por outros meios de comunicação menos flexíveis foram adaptadas para o mundo virtual, maximizando o relacionamento entre as pessoas, tornando a socialização mais dinâmica.

Sabe-se que a socialização se faz necessária ao processo de desenvolvimento de todo sujeito, inclusive na fase da adolescência. Assim, o fato de transferir grande parte desta interação ao espaço virtual, nos leva a presumir que o desenvolvimento deste sujeito seja afetado de maneira significativa por aquilo que acontece na rede, seja positivo ou negativo, já que não se pode ter o controle total do que pode ocorrer.

De acordo com Quadros e Marcon (2014).

A aderência a esses espaços elegem muitos aspectos para reflexão e discussão, como a necessidade de se manter conectado a todo instante, a facilidade de estabelecer novas relações, a comunicação em tempo real e a sociabilidade, por um lado, e o individualismo, a privacidade, a espetacularização e o narcisismo, além da fragilização das relações sociais, por outro. (QUADROS E MARCON, 2014, p. 69)

Os elementos apresentados pelos autores são fatos recorrentes nas redes sociais e efetivamente tem sido observado nos relacionamentos e nas interações provenientes do espaço virtual. Trata-se de situações em que, geralmente não se observa com atenção o que pode desencadear a partir de uma simples postagem ou bate-papo, tornando claro que já não faz mais tanto sentido levar em consideração as dicotomias do público e do privado, do real e o virtual.

Na verdade, o que podemos perceber na atualidade é um número expressivo de jovens e adolescentes que tornaram a virtualidade parte do seu cotidiano e que dedicam grande parte do seu tempo frente às telas, acessando constantemente a internet e utilizando as redes sociais com frequência, sendo por vezes um uso desmedido.

Segundo a pesquisa TIC Domicílios realizada em 2018, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que teve como objetivo monitorar a disponibilidade de acesso à

internet, bem como seu uso no país, mostrou que em 2018 a internet estava presente em cerca de 46,5 milhões de domicílios, o que representa 67% em termos percentuais.

Em se tratando dos resultados referentes a proporção de usuários de Internet no Brasil, a pesquisa revelou que os números chegam a 70% em 2018, correspondendo a cerca de 126,9 milhões de indivíduos com dez anos ou mais conectados à rede. (CGI.BR, 2019)

São dados expressivos que nos mostra o quanto o acesso à internet tem crescido nos últimos anos no Brasil, evidenciando que cada vez mais a internet tem ganhado espaço nos lares brasileiros e com fortes potenciais para um maior crescimento nos próximos anos.

A pesquisa mostra ainda que “entre os usuários de Internet, quase a totalidade utilizou a rede pelo telefone celular (97%), e a maior parte (56%) usou a rede exclusivamente por esse dispositivo.” (CGI.BR, p. 103, 2019) destacando-se como principais atividades.

“O envio de mensagens instantâneas, que passou de 74%, em 2013, para 92%, em 2018 [...] o uso de redes sociais (75%), o qual apresenta proporções estáveis há pelo menos cinco anos. Em seguida, destaca-se a realização de conversas por chamadas de voz ou vídeo”. (CGI.BR, p.120, 2018)

Para o nosso estudo merecem destaque, os resultados da população juvenil que possui acesso a internet. Deste modo, os dados da “Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil” (GBI.BR KIDS, 2019) nos mostrou que em 2018, 86% (24,3 milhões) das crianças e adolescentes com idade entre 9 e 17 anos eram usuários da internet.

Desse público, 20 milhões possuíam perfil em alguma rede social, o que equivale a 82% de crianças e adolescentes logadas no espaço virtual. Dessas redes, o Whatsapp aparece em primeiro lugar com 70%, seguido do Facebook (66%), Instagram (45%), Snapchat (23%) e Twitter (16%). (GBI.BR KIDS, 2019).

No que diz respeito ao aparelho mais utilizado por esse público para a navegação na internet, o celular se sobressai em relação a qualquer outro. Segundo a pesquisa

Desde 2014 o telefone celular tem sido o dispositivo mais utilizado por crianças e adolescentes no Brasil para acesso à Internet. Em 2018, cerca de 22,7 milhões de crianças e adolescentes brasileiros acessavam a rede por meio do celular, o que equivale a 93% de usuários de Internet entre 9 e 17 anos do país.” (GBI.BR KIDS, p. 112, 2019)

Diante disso, podemos destacar que a facilidade de obtenção de aparelhos eletrônicos, sobretudo de celulares do tipo *smartphone* tem contribuído para que o acesso a internet se faça mais frequente no cotidiano dos diferentes grupos sociais.

Deste modo, sabendo que o acesso às redes sociais são uma das principais atividades na internet, podemos inferir que criar perfis virtuais na atualidade trata-se de uma prática comum entre as pessoas, principalmente para os adolescentes que nessa fase apresentam significativo interesse em comunicar-se, interagir com os outros e se sentir aceito no meio social, para isso, as redes sociais virtuais têm se apresentado como o instrumento mais ideal.

Desta feita, a relação presente entre o adolescente e o uso das redes sociais, nos permite destacar algumas particularidades acerca desta correspondência, perpassando tanto pelas concepções sobre o adolescente como das redes sociais.

De modo geral, a adolescência é entendida como um período de transição do desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, onde o mesmo deixa de ser criança e inicia a fase adulta. No decorrer desse processo, o que é mais visível são as mudanças biológicas e físicas ocorridas no indivíduo, bem como algumas características comportamentais.

Além disso, o senso comum encara a adolescência enquanto um período marcado pela instabilidade emocional, pelos conflitos em torno de sua identidade, sentimento de rebeldia, crises e confusões, bem como pelo despertar para as relações amorosas e sexuais. Deste modo, é vista enquanto uma fase turbulenta e difícil para o adolescente e para aqueles que convivem com ele.

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (1965) considera-se adolescente o indivíduo com idade entre 10 e 19 anos e o jovem aquele com idade entre 15 e/ 24 anos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) considera-se adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos.

Diante disso, somos tomados pela ideia de uma adolescência ligada a termos cronológicos, onde a idade é tomada como parâmetro, determinando onde começa e onde termina essa fase, demarcando de maneira precisa o que se entende enquanto adolescente para fins políticos e estatísticos.

De fato, são visíveis e inegáveis algumas transformações físicas e psicológicas que ocorrem em determinado período da vida humana, que historicamente demarca o final da infância. No entanto, cabe aliar estes fatores ao contexto social, a cultura, aos costumes e outros que também participam da constituição deste sujeito, para então compreendermos a noção do ser adolescente num sentido mais amplo.

De acordo com Sifuentes e Cols. (2007, p. 384)

Os fatores culturais têm papel fundamental no processo de desenvolvimento e possibilitam a compreensão da influência entre os fatores biológicos, psicológicos, ambientais, históricos e sociais, nos diferentes sistemas que envolvem o indivíduo.

Deste modo, a cultura que se adota em determinada sociedade exerce forte influência sobre os sujeitos e diz muito sobre a forma de vida dos que dela participa. Em vista disso, a adolescência adquiriu diversos significados, sendo considerada em diferentes contextos uma preparação para a vida adulta. Na atualidade, como temos outra estrutura faz-se necessário observar o que constitui esse sistema para então identificar qual a noção mais plausível e aceitável.

Nas palavras de Salles (2005, p. 34)

a criança e o adolescente só podem ser compreendidos no contexto da sociedade em que estão inseridos, pois indivíduo e sociedade são entrelaçados. Não há dualismo entre eles, embora a relação indivíduo e sociedade seja uma questão instigante que acaba por gerar várias polêmicas e posições controversas.

O debate em torno do que se entende por “adolescência” envolve uma série de questões provenientes dos estudos da área filosófica, biológica, antropológica e etc, portanto não temos o objetivo de apresentá-las nessa discussão, uma vez que tratamos do sujeito enquanto um elemento em constante processo de construção de sua subjetividade.

No entanto, considera-se que a adolescência carrega diversas representações que ao longo do tempo lhe foi atribuída, sendo então uma construção cultural que se define de acordo com as formas de comportamento da sociedade.

Neste sentido, sabe-se o quanto as redes sociais virtuais ganharam espaço no dia a dia das pessoas e aos poucos se constituem parte integrante dos relacionamentos sociais, logo, estão a influenciar consideravelmente nos indivíduos contemporâneos, uma vez que a construção e o comportamento de determinado indivíduo estão estreitamente relacionados com o contexto histórico-social vigente.

Sabe-se que as redes sociais mediadas pela tecnologia de informação e comunicação, atraem cada vez mais usuários, uma vez que apresenta constantemente novas formas de interação e entretenimento, apresentando uma série de riscos, sendo eles não facilmente perceptíveis na adolescência.

Destaca-se que isso ocorre porque a internet possibilita a criação de um mundo paralelo, ou seja, é vivenciado o mundo virtual (chamado ciberespaço), no qual é possível vivenciar experiências que só eram imaginadas em histórias de ficção científica (entre outros), e o mundo real, a realidade em que vive [...]. (GONÇALVES E NUERNBERG, 2012, P. 166).



Deste modo, os adolescentes, que são os principais alvos destes riscos e se encontram imersos nestes espaços midiáticos, e, que o utilizam a partir de diversos ambientes, de maneira diversificada, estão fadados a lidarem com riscos de diversos fatores, envolvendo e interferindo principalmente no seu modo de ser subjetivo.

Compreendendo, pois que a adolescência é marcada pela diversificação dos meios sociais, entendendo a participação deste sujeito em diversos grupos, como na escola, e outros, bem como ressaltando que vivemos na era digital, nota-se que certas relações que a princípio poderiam ser pensadas como espaços de afetividade e compartilhamento de experiências pessoais, presenciais, e, portanto, de acesso restrito, tem se transferido para um espaço essencialmente público – as redes sociais virtuais – de alcance incalculável.

Logo, o que pode desencadear dessa substituição, pode transformar-se facilmente em fatores desestruturantes do processo de construção psíquica deste adolescente, provocando, significativas alterações no presente e no futuro deste sujeito, pois tratam-se de situações complexas que não podem ser ponderadas facilmente, visto que se estabelecem em um universo de linguagens e significações muito particulares.

### 1.3 HIBRIDIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E DO ESPAÇO PRIVADO

Em épocas anteriores, as sociedades não apresentavam o nível de informação que se tem atualmente, principalmente pela popularização dos meios de comunicação. No entanto, com o advento da internet para uso pessoal e comercial, na década de 1990, as informações vêm tornando-se cada vez mais acessíveis e difundidas com maior fluidez, dificultando o controle sobre ela.

Nesse sentido, tal dificuldade de controle sobre as informações emitidas torna tênue a divisão entre o que é público e o que é privado em nossos dias. A internet, sendo hoje o maior ou o principal veículo de informação se constitui enquanto território perigoso à medida que não necessariamente as pessoas possuem o perfil que apresentam.

Assim, essa difusão cada vez maior das informações nas sociedades contemporâneas, propiciada pela popularização da internet, tem gerado um fenômeno relativamente novo, a “hibridização do espaço público e privado<sup>3</sup>”, onde a privacidade se faz cada vez mais frágil, e por consequência o público se fortalece.

---

<sup>3</sup> Entendida aqui como a fusão do privado e do público, tendendo para a descaracterização do primeiro.

Desta feita, a presente seção visa diferenciar os conceitos de público e privado à luz do pensamento de Hannah Arendt a partir da obra “A condição humana”, bem como apresentar algumas contribuições importantes do pensador Richard Sennett para a discussão.

Neste sentido, para Arendt (2007) o termo público remete a dois fenômenos que estão estreitamente relacionados, mas possuem suas particularidades. Primeiramente significa que tudo aquilo que assume caráter público pauta-se na ideia de acessibilidade, ou seja, está acessível a todos através do ver e do ouvir, e, tem a maior divulgação possível. Isto é, “quando divulgamos um pensamento ou um sentimento através de uma estória, bem como quando divulgamos experiências artísticas individuais o privado torna-se de acesso público”. (ANTUNES, 2004, p. 8).

A tal fato, Arendt (2007, p. 60) atribui à necessidade fundamental que os homens possuem de partilharem o mundo com os seus semelhantes, pois “[...] a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos [...]”.

“Em segundo lugar, o termo “público”, significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele” (ARENDT, 2007, p. 62). Este mundo, explica a autora, possui relação com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que nele habitam. Assim, este mundo enquanto comum a todos, construído através das relações humanas, é ao mesmo tempo, diferente para cada indivíduo, segundo o que ele exerce. Além disso, o mundo comum é concebido como o espaço onde os homens se veem e se ouvem, o que se configura, também, como o espaço propício para a ação e o discurso, ou seja, para a política e a liberdade.

No que se refere ao espaço privado, o termo está diretamente ligado à ideia de privação. Deste modo,

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana; ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. (ARENDT, 2007, p. 68)

A partir do exposto, podemos perceber o quanto esses termos são dicotômicos, ainda assim, ressalta-se, que estes estabelecem entre si uma relação de complementaridade, deste modo, tanto a participação da esfera pública como da esfera privada, são essenciais para a vivência dos homens.

Sob a perspectiva de Richard Sennet (2014) tratando da relação entre o indivíduo e a esfera pública, ele debruça-se a compreender quais as origens das concepções intimistas da contemporaneidade, ou seja, procura analisar de que ponto partimos para chegar às fases de uma sociedade publicizada como temos hoje.

Para isso, Sennett (2014) produz uma analogia entre os tempos modernos e o período em que o Império Romano entrou em decadência, pondo um ponto de partida para a compreensão de seu pensamento sobre a questão do público no século atual. O autor coloca que à medida que a Época de Augusto chegava ao fim, os romanos passaram a encarar a vida pública cada vez com menos interesse, tornando assim sua participação quase inexistente na *res pública*.

Uma *res publica* representa, em geral, aqueles vínculos de associação e de compromisso mútuo que existem entre pessoas que não estão unidas por laços de família ou de associação íntima: é o vínculo de uma multidão, de um “povo”, de uma sociedade organizada, mais do que vínculo de família ou de amizade. (SENNETT, 2014, p. 11)

Com isso, Sennett coloca que no período pós-augustiniano a interação social entrou em declínio e as relações com o outro já não estavam mais presentes como outrora, o que muito se assemelha com os tempos modernos, porém, com algumas diferenças na atualidade.

A diferença entre o passado romano e o presente moderno reside na alternativa, no significado da privacidade. O romano privadamente buscava um outro princípio para contrapor ao público, um princípio baseado na transcendência religiosa do mundo. Privadamente buscamos não tanto um princípio, mas uma reflexão, a saber, o que são nossas psiques, ou o que é autêntico em nossos sentimentos. Temos tentado tornar o fato de estarmos em privacidade, a sós ou com a família e amigos íntimos, um fim em si mesmo. (SENNETT, 2014, p. 11)

Como ponto central, o autor apresenta os problemas da confusão entre vida pública e vida íntima, onde os sentimentos pessoais são tratados como assuntos públicos e tudo gira em torno da experiência individual, dando lugar ao narcisismo na esfera pública, levando ao desaparecimento do espaço público.

Como temos discutido, o advento das redes sociais transformou e continua transformando o âmbito das relações sociais. Assim, o que se percebe nessas relações mediadas por tecnologias da informação, utilizadas pelos adolescentes é o modo como esse uso constante implica na hibridização entre aquilo que é público e o que é privado.

Podemos afirmar tal ocorrência ao imaginarmos as redes sociais sendo acessadas a partir de um espaço considerado íntimo, privado, como o próprio quarto do adolescente.

Percebe-se que mesmo dentro desse ambiente privado, bastam apenas alguns toques no celular para que acesse e esteja no mundo público do Facebook, revelando sentimentos, frustrações, imagens e outros.

Nesta relação, percebe-se como a popularização dos smartphones também se constitui como um fator importante para a operação dessas relações no espaço virtual, pois se voltarmos alguns anos atrás, quando o Orkut atingia seu ápice de popularidade, perceberemos que geralmente este era acessado por computadores não móveis, portanto seu acesso meio que se limitava, e, conseqüentemente tinha-se menos publicações no espaço público, considerando que esse era acessado a partir dos PCs.

Deste modo, com a massificação dos aparelhos celulares e a crescente aderência ao Facebook, constata-se como estes adventos permitiram o acesso a partir de qualquer espaço, facilitando a ampliação de novas formas de uso nestes espaços, por conseguinte, a relação entre público e privado torna-se paradoxal e híbrida, pois, se observa nesta plataforma o fluxo de publicações que desencadeiam situações embaraçosas.

Por vezes envolvem publicações, aparentemente, inocentes, mas que acabam por desencadear até mesmo constrangimento ao indivíduo, como por exemplo, a ausência de curtidas em fotos, que possui alto poder de interferir significativamente na vida do adolescente, pois uma vez que este buscam ser visto e ouvidos nestes espaços, os comentários, bem como curtidas nas publicações são consideradas as respostas para a garantia da sua existência no mundo virtual.

No entanto, a exposição de situações que antes se podia pensar para serem experimentadas no íntimo, como sentimentos, acabam gerando, obviamente, situações de resultados mais abrangentes, pois envolvem mais sujeitos, deste modo, os adolescentes enquanto ser em processo de construção da sua subjetividade podem arquivar esses problemas no seu interior e provocar a emergência de um novo sujeito.

Neste sentido, as redes sociais na internet possuem essa potencialidade, pois as suas implicações são diversas, impulsionadas tanto pelo próprio adolescente quando faz suas publicações e se deparam com os resultados através de curtidas, comentários etc., quanto de outros indivíduos da rede, principalmente famosos e *digitais influencers* que graças à exibição de suas vidas “perfeitas” vêm interferindo ainda que indiretamente, de maneira significativa na vida das pessoas.

Há que se destacar ainda, sobre o uso indevido de informações íntimas contidas em fotos, vídeos e textos que são publicadas sem autorização da vítima, em muitos casos adolescentes, e conseqüentemente, compartilhadas rapidamente na rede. Com efeito, trata-se

de situações, que em tempos atrás, sequer poderíamos imaginar casos semelhantes, no entanto, tais não são difíceis de serem encontrados no Facebook.

Assim, os efeitos oriundos das diversas maneiras que os adolescentes fazem uso da rede, são dinâmicas e repletas de embaraços que incontestavelmente, submeterão esses indivíduos a situações de complexas resoluções, pois geram vergonha, sentimento de incapacidade, decepções e em casos mais graves pode ser o estopim para casos depressivos.

#### 1.4 METODOLOGIA

Com a intenção de alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa se utilizou de métodos quantitativos e qualitativos que são de grande relevância para o estudo da produção de subjetividade. Quanto aos procedimentos utilizou-se da pesquisa bibliográfica e de campo e, como instrumento de coleta de dados, optou-se pela aplicação de questionários contendo perguntas abertas e fechadas.

A presente pesquisa tem como embasamento teórico principal a concepção da subjetividade enquanto produção concebida pelos filósofos Deleuze e Guattari, e, como fonte complementar autores que discutem questões relacionadas ao objeto de pesquisa, sobretudo à constituição subjetiva do sujeito.

Conforme discutido no segundo capítulo deste trabalho, Deleuze e Guattari (1980) concebem o sujeito enquanto resultado do deslocamento de três linhas (duras, maleáveis e de fuga) que atravessam este sujeito de maneira constante no espaço social, fazendo com que o mesmo esteja sempre em processo de transformação e construção de si mesmo. Neste sentido, o indivíduo se constrói a partir das múltiplas relações que estabelece em sociedade, sendo este o principal motivo dos autores conceberem a subjetividade como um processo de construção.

Diante disso, sabe-se que os avanços tecnológicos e, conseqüentemente a criação das redes sociais proporcionaram uma mudança drástica no modo de vivência das sociedades atuais e provocam cada vez mais alterações em nosso estilo de vida, em nossos hábitos e em nossos padrões de comportamento, de maneira que podemos observar novos elementos na construção de subjetividade dos adolescentes que são os mais atraídos por essas tecnologias. Deste modo, a pesquisa se propõe a discutir o aspecto produtor de subjetividade das redes sociais, tomando como objeto de estudo adolescentes da cidade de Grajaú-Ma.

Para tanto, optou-se pela pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa. Segundo Richardson (2015), o objetivo da abordagem quantitativa é quantificar resultados

sem alteração nas análises, utilizando-se, geralmente de gráficos, tabelas e outros. Já os estudos de cunho qualitativo têm outra finalidade, pois:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2015, P. 80)

Desta forma, a pesquisa qualitativa é mais adequada para se compreender fenômenos sociais que necessitam de maior aprofundamento por conter situações complexas e particulares. Por vezes, é empregada juntamente com resultados quantitativos, como é o caso desta pesquisa que se utilizará das duas abordagens como complementares.

Com efeito, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo. Para Ruiz (2011, p. 50) “A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e nos registros das variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”.

Por conseguinte, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas para coleta de dados, de modo que foi possível obter informações importantes no que diz respeito à representação das redes sociais e à construção da subjetividade. Assim, as respostas foram organizadas por meio da sistematização dos dados, exposição gráfica e outros elementos.

Como critério de amostragem, foram entrevistados 43 adolescentes, independente de sexo, com idade de 13 a 19 anos, estudantes de duas escolas da cidade de Grajaú-Ma, sendo elas a Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima e a Escola Municipal Reunida da Tresidela, onde os alunos faziam uso frequente de pelo menos uma rede social. Neste sentido, os dados coletados foram analisados com base na concepção das subjetividades construídas, da sociedade em rede, da dicotomia entre público e privado e outros autores mencionados neste trabalho.

#### **1.4.1 Lócus da pesquisa**

A pesquisa se deu em duas escolas da cidade de Grajaú - Maranhão, nas quais atendem adolescentes do ensino fundamental anos finais. As escolas ficam situadas em bairros diferentes, sendo elas a Escola Municipal Reunida da Tresidela (EMRT) que fica no bairro Tresidela e a Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima (EMMECL) situada no bairro

Rodoviário, ambas são instituições reconhecidas pela população e mantidas pelo município. A aplicação dos questionários em escolas distintas possibilitou a comparação dos dados.

#### **1.4.2 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes das escolas mencionadas anteriormente, estudantes do 8º e 9º ano, com idade entre 13 e 19 anos. Estes adolescentes eram moradores de diferentes bairros da cidade, sendo alguns da zona rural do município, inclusive de comunidades indígenas, permitindo então que a pesquisa abrangesse diferentes perfis de adolescentes. No total foram entrevistados 43 alunos, de modo que 21 eram da EMRT, todos do 9º ano e 22 da EMMECL, sendo que 11 alunos estavam no 8º ano e 11 no 9º ano.

## 2 A PRODUÇÃO SUBJETIVA NO ESPAÇO VIRTUAL

Pensar a ideia de subjetividade nos obriga a entender o tempo e o espaço na qual se insere para então compreendermos os fatores imbricados no seu processo de construção. Ao longo do tempo, diversos elementos contribuem e modificam constantemente o ambiente em que se vive, fazendo com que a produção da subjetividade em cada época ocorra de maneira diferente nos indivíduos.

Antes das grandes inovações tecnológicas do século XX, podíamos imaginar o homem construindo seu EU subjetivo a partir, majoritariamente, da relação presencial com o outro, através dos encontros nas instituições “clássicas” de produção, como a família, escola, igreja, trabalho e outras.

No contexto contemporâneo, a tecnologia tem sido um elemento de grande relevância a ser considerado no entendimento das subjetividades construídas, tendo em vista sua forte presença nas diversas esferas sociais e nas relações humanas, que tem gerado algumas particularidades dignas de aprofundamento.

Neste sentido, a presente seção visa discutir a respeito da construção da subjetividade, passando inicialmente pelo período moderno até chegar a sua concepção na pós-modernidade, encarando a noção de subjetividade a partir de uma evolução histórica. Para isso, utilizaremos sobretudo, a obra de Stuart Hall “A identidade cultural na pós-modernidade” que traz contribuições importantes a respeito do “nascimento” e “morte” do sujeito moderno.

Em seguida, será abordado o pensamento de alguns autores como Deleuze e Guattari e Erving Goffman que de diferentes maneiras contribuem na discussão a respeito da formação do sujeito na atualidade, contribuindo para que posteriormente seja discutido sobre as construções subjetivas e as representações sociais que emergem a partir da presença das redes sociais virtuais.

Deste modo, convém destacar inicialmente que o interesse por conhecer a “verdade” sobre si mesmo e aos outros sempre esteve em evidência no plano dos estudos filosóficos e científicos – vide a busca pela *aletheia* na Grécia Clássica. Para isso, o homem busca ao longo do tempo compreender acerca da constituição do indivíduo, tendo já desenvolvido saberes indispensáveis, apesar da complexidade do objeto.

Um clássico desses estudos, que marcou um novo tempo no campo da história do sujeito, diz respeito à inesquecível produção obtida a partir do método cartesiano, que na



modernidade se apresentou como uma garantia absoluta da existência humana, delineando assim, uma identidade para o sujeito.

Neste contexto, prevalece o que Durkheim (1999) denominou “consciência coletiva” derivada de um modo de organização social fundado na “solidariedade mecânica”.

O pensamento moderno se apresenta como um marco histórico, pois concebe a individualidade do sujeito de modo inovador. Diante disso, destacamos que a concepção de sujeito e identidade, encontra suas raízes, sobretudo na modernidade, onde por sua vez é explicado com base em estudos matemáticos e lógicos, estreitamente relacionado à razão e à atividade contínua do pensamento.

Deste modo, “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25), concedendo espaço para que se imaginasse um indivíduo autônomo, passível de ser interpretado sem a autorização de um ser divino.

Por meio do *Eu penso, logo existo*, Descartes encontra fundamentos necessários para sustentar um método que na sua ótica possibilita o alcance da verdade. Através da razão e da cientificidade o homem moderno seria capaz de produzir-se, controlar a ele próprio e o mundo a sua volta, já que no “eu” se concentraria a verdade e o conhecimento indubitável.

Desta feita, se torna possível a abertura para a consideração de um sujeito único e independente no mundo, um indivíduo dominador e controlador do conhecimento, que ao se apropriar das chaves de acesso à verdade absoluta considera-se, por meio da razão, superior ao que possa existir no universo.

Assim, fundamentados numa epistemologia que coloca no centro do processo do saber a racionalidade humana e a derivação de padrões metodológicos científicos, tem a concepção de indivíduo formulada por meio desses procedimentos, estabelecendo uma ideia de sujeito independente e plenamente certo de si mesmo e do mundo a sua volta.

Segundo Brito (2012) este modelo racional e científico trouxe consigo a ideia de um sujeito independente, consciente e centrado em si mesmo, que por meio da consciência é capaz de produzir os processos de representação no mundo. Além disso, esta perspectiva culminou também para o engessamento de um modelo de identidade universal e unificado, delineando assim, modos de vida para os indivíduos.

Nas palavras de Stuart Hall (2006, p 10-11)

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado, das capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela

primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

Stuart Hall (2006) considera essa concepção de identidade como uma noção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade, já que há uma supervalorização do intelecto humano e o indivíduo ocupa a posição central de tudo ao seu redor, inclusive a capacidade de produzir suas representações no universo.

Nesta perspectiva, cabe destacar que a medida que se considera o sujeito enquanto ponto central da certeza e da verdade, aquele que pensa, que conhece e que produz, concebe-se também uma identidade moldada, fixa, estável e universal, que não se comunica com o plano exterior, e que facilmente pode ser comprovada pela afirmação da capacidade de raciocinar.

Destaca-se que por algum tempo, os resultados obtidos por meio do método racional do conhecimento, concebido por Descartes, foram motivos de confirmação para a ideia de progresso da humanidade. Através do método cartesiano, o homem experimenta um sentimento de grandes conquistas por acreditar ter alcançado efetivamente a verdade concreta, solucionando gradativamente os seus problemas à luz da razão.

Como escreve Vilela e Izidoro (2013, p. 66)

[...] Enquanto as ciências da natureza ostentavam sua grandiosa aptidão para conhecer a realidade e produzir meios de amenizar os limites inerentes à condição humana, as ciências humanas prometiam esquadrihar todas as dimensões de seu objeto, o homem, e equacionar todas as tensões que caracterizam as relações dos indivíduos consigo mesmos, com a realidade e com os outros indivíduos.

Neste sentido, há de ressaltar que realmente a Era Moderna trouxe mudanças significativas a diversas áreas, sobretudo à esfera científica, que foi fortemente influenciada em todas as suas ramificações. Por tais motivos, alguns denominam o período como o “século das luzes”, pelo seu grande desenvolvimento intelectual, que de fato ocorreu, sobretudo, pela descrença de que tudo era regido divinamente.

Mais tarde, no entanto, o modo como se chegava à conclusão das coisas apresentava suas lacunas problemáticas e isso foi ficando cada vez mais visível, tendo em vista que este modelo acaba desconsiderando alguns fatores importantes para a compreensão de uma série de questões, inclusive no que diz respeito ao modo como o homem é representado. Assim, como resultado do fundamento uno na racionalidade, produziu-se saberes, por vezes incompletos, e que não abriam espaço para a incerteza e o debate, tendo em vista que uma vez produzidos continham em si a verdade inquestionável.

Deste modo, apesar de ter alcançado certa estabilidade na modernidade, esta forma de se pensar, de conduzir a busca pela verdade e, sobretudo de compreender a subjetividade humana, encontra-se em algum momento instável e já sem base suficiente para explicar as novas formas de existência humana. Assim, ainda no período moderno, é alvo de críticas severas por parte de novas correntes de pensamento.

De acordo com Brito (2012, p. 05) “[...] a ideia de sujeito centrado, estabilizado, foi aos poucos sendo denunciada, pois a identidade do sujeito centrada em si mesma não sobrevive. [...]”. Neste sentido, aos poucos vai se desconstruindo uma subjetividade centralizada, imobilizada para dar espaço a uma concepção mais abrangente, e, sobretudo, mais completa, por assim dizer.

Deste modo, consideram-se através desta interpretação novos instrumentos e fatores, que direta ou indiretamente fazem parte ou influenciam na existência do indivíduo, como a cultura e outros. Por meio das suas interações busca-se compreender a subjetividade aliada a condições em que o indivíduo se encontra submetido.

De acordo com Hall (2006) é possível descrever cinco grandes avanços nas ciências humanas ocorridos no período da modernidade tardia, que tiveram grandes repercussões no pensamento moderno, que acabou culminando no descentramento final do sujeito do Iluminismo. Assim, far-se-á um breve esboço desses elementos apontados por Hall para melhor compreendermos essa ruptura na compreensão de sujeito.

Primeiramente, são apontados os escritos de Karl Marx que sob a interpretação de seus leitores, apresentava o homem não como o único agente ativo de sua história, posto que as suas ações são condicionadas com base nas condições históricas do seu tempo, que outrora foram criadas por outros indivíduos, a partir dos elementos materiais e culturais de gerações anteriores (HALL, 2006).

Deste modo, o marxismo desloca completamente a noção de agente individual de identidade, uma vez que o sujeito se torna dependente dos elementos de seu contexto cultural e das suas relações sociais. Neste sentido, essa espécie de “anti-humanismo teórico” teve grandes impactos sobre o pensamento moderno.

Em segundo lugar, Hall (2006) reconhece como um grande descentramento, a descoberta de Freud sobre o inconsciente.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma

identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo”, do sujeito de Descartes. [...] (HALL, 2006, p. 36)

Conforme essa linha de pensamento, a identidade é algo formado no decorrer do tempo, por meio de processos inconscientes do indivíduo e não de algo inato que já vem formado com o nascimento. Sendo assim, ela encontra-se sempre em estado de incompletude, estando a todo momento em processos de formação de si mesmo. Assim, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. (Hall, 2006, p. 39)

O terceiro grande descentramento é baseado no trabalho de Ferdinand Saussure. De acordo com este autor estamos impossibilitados de sermos os autores das afirmações que proferimos ou dos significados que expressamos na língua, pois a língua trata-se de um sistema social e não de um sistema individual que preexiste a cada um de nós e no qual estamos imersos enquanto forma de compreensão e interação com a realidade (HALL, 2006).

Deste modo, nem mesmo nos aspectos mais simples podemos ser os autores dos nossos discursos, haja vista que falar uma língua representa muito mais que expressar pensamentos e ideias, significa exteriorizar toda a gama de significados que já estão enraizados em nossa língua e em nossas organizações culturais. (HALL, 2006)

Além disso, defende-se ainda que os significados das palavras não são fixos, mas reside nas relações de semelhança e diferença de umas com as outras e isso nos explica como podemos entender a identidade na comparação com a linguagem.

Nós sabemos o que é a “noite” porque ela *não* é o “dia”. [...] Eu sei quem “eu” sou em relação com “o outro” (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser. Como diria Lacan, a identidade, como o inconsciente, “está estruturado como a língua”. (HALL, 2006, p. 41)

Neste sentido, assim como o falante não pode por si só fixar o significado das palavras, o sujeito também não pode em nenhuma hipótese consolidar sua identidade num sentido individualista, já que os elementos que nos caracterizam procedem da correspondência com a diferença e similaridade daquilo que nos rodeiam.

No que se refere ao quarto descentramento importante da identidade e do sujeito, Hall (2006) o discute a partir do pensamento de Michel Foucault, que em seus estudos elaborou “uma espécie de ‘genealogia do sujeito moderno’” para melhor nos fazer compreender sobre os aspectos da identidade.

Foucault concebe um novo tipo de poder no qual ele denomina de “poder disciplinar” que se preocupa em primeiro lugar na regulação das coisas, para isso a vigilância

é utilizada como recurso de governo para disciplinar as populações, o indivíduo e o corpo. Deste modo, as instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX, como as escolas, prisões, hospitais, clínicas e outras são utilizadas para vigiar e disciplinar as sociedades modernas. (HALL, 2006)

Assim, o objetivo do “poder disciplinar” reside em manter as diversas esferas do indivíduo sob controle do poder dominante a fim de constituir seres humanos dóceis e fáceis de manuseá-los. Desta feita, podemos perceber uma identidade forjada e dominada por poderes externos a ela.

O quinto descentramento citado tem a ver com o movimento feminista que de maneira notável também abalou as estruturas do sujeito moderno por diversos motivos. Neste sentido, cabe citar as diferentes identidades que se manifestaram a partir deste movimento,

Ele [o feminismo] também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). (HALL, 2006, p. 45)

Diante desses cinco descentramentos, Hall mostra as mudanças conceituais que interferiram na concepção de sujeito moderno, possibilitando assim, uma desconstrução do indivíduo universal e unificado concebido na filosofia moderna, desencadeando numa profunda crise do método cartesiano.

**Quadro 1:** Resumo dos descentramentos do sujeito do Iluminismo apontados por Hall (2006)

<b>AUTOR</b>	<b>FUNDAMENTO TEÓRICO</b>	<b>CARACTERÍSTICA</b>
Karl Marx	Materialismo histórico dialético	As condições materiais de existência
Sigmund Freud	Teoria psicanalítica	Os processos psíquicos e simbólicos do inconsciente
Ferdinand Saussure	Semiologia	A língua enquanto um sistema social carregado de significados que estrutura os sistemas culturais.
Michel Foucault	Pós-estruturalismo	O “Poder disciplinar” como elemento de controle e disciplina dos corpos sociais
Simone de Beauvoir	Existencialismo	Problematização dos processos de identificação dos sujeitos subjetivos.

**Fonte:** Gomes (2020)

A partir de então, instaura-se novas formas de se pensar e conceber o sujeito, inserindo nesses estudos elementos imprescindíveis para a sua melhor compreensão,

colocando em questionamento as características fixas que durante certo tempo lhes foram atribuídas.

Deste modo, Stuart Hall (2006), apresenta a concepção de um sujeito sociológico que para ele remedia a problemática do sujeito do Iluminismo. O autor entende que o sujeito concebido na modernidade não era autônomo, tampouco autossuficiente, mas antes de tudo era formado na relação com outras pessoas marcantes para ele, que seriam necessárias para a mediação cultural dele com o mundo habitado.

Assim, nessa concepção sociológica, a identidade é resultado da interação do “Eu” com o espaço social. Deste modo, o sujeito é construído a partir da internalização dos significados e valores culturais que se apresentam a ele, mantendo sua estabilidade e essência interior, que é o “eu real”, mas permeado pelo contínuo diálogo com os mundos “exteriores” e suas identidades. (HALL, 2006)

Além desta noção de identidade, Hall discute ainda uma terceira concepção que é tratada com base no sujeito pós-moderno. Sujeito este que diante das mudanças estruturais e institucionais foi perdendo a sua identidade unificada e estável, fragmentando-se constantemente ao ponto de não mais ser dono de uma identidade, mas de várias identidades.

Posto isso, constata-se que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Assim, na perspectiva de Hall podemos encarar a identidade enquanto um processo que está sempre em movimento, que se modifica dependendo do tempo histórico e dos fatores culturais. Por meio disso, sustentamos representações mesmo que temporárias de nossas identidades.

Hall (2006) coloca que esse processo ocorreu na medida em que as estruturas que asseguravam as identidades culturais entraram em colapso na pós-modernidade, fazendo com que tudo se tornasse mais efêmero, instável e problemático. Diante disso, torna-se de grande relevância abordarmos que fatores contribuem para essas mudanças estruturais na atualidade, que culminam num sujeito fragmentado em termos de suas identidades culturais nacionais.

De acordo com Hall (2006) uma identidade cultural nacional pode ser descrita enquanto um conjunto de elementos que nos fazem se sentir pertencentes a determinada nação

ou grupo, com o qual mantemos relações de afetividade. Essas coisas não nascem conosco no sentido biológico, mas são formadas e transformadas no campo das representações.

Faz-se necessário abordarmos a noção de identidades culturais nacionais, a fim de compreendermos melhor em que sentido elas influenciam em nossas construções identitárias pessoais e em que medida elas podem ser explicadas a partir do fenômeno da globalização. Como escreve Hall (2006, p. 50)

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Uma cultura nacional então, produz sentidos e atribui significados a elementos, os quais nos permite identificar-se enquanto sujeitos de uma sociedade, ou seja, construir identidades por meio do que está contido no seio da nação, de sua história e de seus aspectos culturais e simbólicos.

O que nos interessa aqui é apontar que em diversos momentos históricos o sentimento de pertencimento teve como elementos norteadores a história, os mitos e a literatura que trazem a narrativa do lugar, contando seus momentos de perdas, glórias e triunfos dando sentido à nação. No entanto, a partir da Globalização este cenário apresentou algumas mudanças no sentido de trazer outros aspectos e deslocar os elementos para outro campo.

Segundo Hall (2006) a Globalização pode ser encarada enquanto um fator de deslocamento das identidades culturais nacionais, uma vez que é compreendida como um fenômeno que atua em escala global, atravessando fronteiras nacionais ao ponto de tornar tudo mais interconectado, possibilitando novas experiências a partir de outras realidades.

Neste sentido, Hall (2006) aponta que um dos principais impactos que a globalização tem sobre as identidades nacionais diz respeito às mudanças que ocorreram nas relações de “espaço-tempo”, ou seja, a velocidade com que as coisas acontecem a nível global, nos dão a ideia de que o mundo seja pequeno e as distâncias mal existem, de modo que somos impactados imediatamente por eventos que acontecem a longas distâncias geográficas.

Deste modo, sendo o tempo e o espaço, coordenadas básicas de todos os sistemas de representação e a identidade estreitamente ligada aos processos de representação, “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de

representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2006, p. 71).

Neste sentido, Hall localiza então novas identidades que emergem nesse contexto do espaço globalizado, ressaltando que quanto mais a vida social se estrutura a partir do mercado global de estilos, imagens e lugares, inclusive dos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas e desalojadas, parecendo flutuar livremente em meio ao caos da vida pós-moderna.

Deste modo, quanto maior a imersão nos processos da globalização atual maior a tendência de se construir uma identidade sob as bases da efemeridade e do transitório, já que a globalização se caracteriza pela rapidez e brevidade dos acontecimentos.

Além disso, há também uma grande possibilidade de se construir do ponto de vista identitário a partir dos processos de homogeneização, uma vez que este fenômeno desemboca na homogeneização das identidades globais e locais, fazendo com que as identidades se formem baseadas naquilo que está sendo propagado e oferecido através de todo conjunto dos meios de comunicação.

Por outro lado, a globalização impulsiona o cruzamento de diferentes culturas, possibilitando a aproximação entre diversos povos seja por meio das tecnologias de comunicação ou pela facilidade dos processos migratórios, desencadeando no que é apontado como “hibridismo cultural”.

Diante do exposto, podemos notar a Globalização enquanto um elemento novo que de maneira incontestável tem modificado a formação de identidades na pós-modernidade, trazendo novos mecanismos que nos fazem percorrer de um extremo a outro, sem ao menos percebermos.

Neste sentido, da mesma forma que temos uma maior possibilidade de ampliarmos nossos conhecimentos culturais e internalizar certos atributos estrangeiros ou mesmo fortalecer nossas identidades, corremos o risco também de sermos controlados pelos poderes dominantes.

**Quadro 2:** Tipos de sujeito segundo Hall (2006)

<b>TIPO DE SUJEITO</b>	<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>PRINCIPAIS EXPOENTES</b>
Moderno	A racionalidade e o cientificismo	René Descartes e outros
Sociológico	Relação interativa entre indivíduo e sociedade	G. H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos
Pós-moderno	Sujeito fragmentado, sem uma	Anthony Giddens, David Harvey,



	identidade fixa	Ernesto Laclau e outros.
--	-----------------	--------------------------

**Fonte:** Gomes (2020)

Assim, tendo apresentado mesmo que de forma breve a percepção de Hall a respeito das identidades culturais, abordaremos agora a concepção formada pelos teóricos Deleuze e Guattari acerca da subjetividade enquanto resultado de um constante processo de construção, discutindo ainda sobre a subjetividade capitalística apontada por estes enquanto uma das principais produtoras de subjetividade na atualidade.

Na concepção destes filósofos, tem-se uma subjetividade que se constrói a partir das diferentes instituições sociais e culturais, na relação com sujeitos individuais e no meio coletivo, bem como, nas relações fomentadas pelas ferramentas tecnológicas, ou seja, por meio de todo o conjunto de elementos participantes da vivência do indivíduo, num processo contínuo sem pausas ou interrupções.

Deste modo, a partir de Deleuze e Guattari temos um aporte teórico significativo para o entendimento de uma concepção de sujeito, ou de como produzimos subjetividades. Suas produções também vão completamente de encontro ao sujeito unificante do método cartesiano, buscando dissolver uma representação universal de sujeito.

De acordo com Leite e Dimenstein (2002)

[...] autores como Foucault, Deleuze e Guattari apresentaram grandes contribuições ao refletirem a questão da subjetividade, especialmente pela crítica radical que teceram sobre os modos hegemônicos de seu tratamento. Puderam lançar luz no debate e o fizeram destacando o caráter processual e produtivo da subjetividade, possibilitando, portanto, sua desnaturalização. (LEITE e DIMENSTEIN, 2002, p. 16)

Para estes autores, na subjetividade sob o modelo da representação fomentada pelo próprio indivíduo, concentra-se uma série de lacunas, das quais podemos destacar a incapacidade de lidar com a diferença, a desconsideração da dinamicidade dos encontros humanos, dos deslocamentos e outros elementos intrínsecos a este.

Nesta perspectiva, evidencia-se, portanto, não um sujeito dado e acabado, mas algo que foi produzido e construído por diversos fatores. Assim, o interesse assenta-se nas condições de subjetivação deste sujeito, ou ainda, no que contribuiu para sua construção subjetiva.

Deleuze e Guattari apresentam então, uma subjetividade móvel, sem um território específico para a sua fundamentação, ou seja, uma “subjetividade desterritorializada”, não

mais alicerçada nas bases da identidade, mas antes de tudo construída a partir do entrecruzamento e do movimento dos modos de existências.

Deste modo, Deleuze (1992) apresenta o sujeito enquanto objeto dos processos de subjetivação. Para o autor, a subjetividade é um processo resultante das diversas relações humanas, daí a denominação de processos de subjetivação. De acordo com Deleuze (1992, p. 217)

Pode-se com efeito falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes.

Conforme o mesmo autor, a nomeação do processo como subjetivação tem como objetivo, justamente apontar para um decurso, para uma construção ou desconstrução por meio das relações que o sujeito estabelece através das linhas que compõem nossas relações. Assim, o sujeito se constrói, diferente do modo pensado na modernidade, como já discutido, através de diversas instâncias sociais, não sendo elas fixas, mas sim dinâmicas.

Segundo Deleuze e Guattari (1980) pode-se mencionar três tipos de linhas que fazem parte das relações humanas. Segundo os autores somos constituídos a partir do cruzamento das linhas de segmentaridade dura ou molar, das linhas de segmentaridade maleável e das linhas de fuga.

A respeito das linhas duras é posto que “nelas tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, bem como a passagem de um segmento a outro”. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 62). Em outras palavras, as linhas duras são assim denominadas a partir da consistência de seus segmentos que são sólidos e pouco flexíveis, tornando possível perceber onde começa e termina cada segmento, além de mensurar os acontecimentos provenientes deste processo.

Essas linhas se referem a elementos que, em decorrência da organização de cada sociedade, foram instituídos e fazem parte da sua estrutura básica. Neste sentido, por meio das linhas de segmentaridade dura é possível enquadrar os sujeitos em algum perfil identitário, classificando-os por meio de suas características precisas, como classe social, orientação sexual, cor, estado civil e outros atributos hegemônicos sociais.

Desta maneira, as linhas duras estabelecem comportamentos e ações em sociedade, atravessando e constituindo os indivíduos de maneira dura e determinada. Assim, é possível observar algumas posturas comuns entre as pessoas ao estabelecer os papéis sociais a cada grupo de maneira padronizada, como por exemplo, ao “professor, patrão - operário, civil

– militar, vagabundo – trabalhador, casado – solteiro, e assim por diante”. (CASSIANO e FURLAN, 2013, p. 373)

Assim, por meio das linhas duras, se espera que o sujeito aja em virtude do que ele ocupa ou exerce em determinado espaço, pois os elementos que constituem esse tipo de linha não permite variabilidades, haja vista que o modelo de conduta instituído foi construído através de processos históricos e culturais, e faz-se necessário para o controle das relações em sociedade.

De acordo com Cassiano e Furlan (2013, p. 373),

As linhas duras são as linhas de controle, normatização e enquadramento, e através de seus atravessamentos se busca manter a ordem e evitar o que é considerado inadequado a determinado contexto social instituído.

Desta maneira, as linhas de segmentaridade dura podem ser encaradas enquanto as linhas básicas das organizações humanas, tendo em vista que estas existem em toda e qualquer instituição grupal e possuem importância para o regimento social. Por vezes, elas se apresentam de maneira variada se levarmos em consideração o seu contexto histórico e cultural, mas em nenhum momento elas desaparecem, pois são elas que mantêm a ordem da sociedade.

No que diz respeito às linhas maleáveis, Deleuze e Guattari (1996, p. 63), escrevem que seus “[...] segmentos são como quanta de desterritorialização [...]” sendo menos definidas e mais flexíveis, apresentando-se como o oposto das linhas duras.

Ao passo que as linhas duras promovem a territorialização, constituindo pontos fixos em nossa construção subjetiva, as linhas maleáveis constituem-nos por meio do processo de desterritorialização do território outrora construído pelos segmentos duros, formando-nos através de um processo mais fluido e com menos rigidez.

Neste sentido, as linhas maleáveis são entendidas enquanto linhas de movimento contínuo que não param de atravessar as linhas duras, provocando fissuras nas construções sedimentadas. Dar-nos a ideia de que nada possui um ponto fixo, mas sim que tudo está em um constante processo de transformação e transição, como em um rizoma (espécie de raiz que cresce no sentido horizontal sem uma direção definida).

Podemos tecer uma relação muito próxima entre as linhas duras e maleáveis, dado que suas conexões ocorrem simultaneamente. Segundo os autores “As duas linhas não param de interferir, de reagir uma sobre a outra, e de introduzir cada uma na outra uma corrente de maleabilidade ou mesmo um ponto de rigidez” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 63)

Em contrapartida, as linhas de fuga não permitem segmentos, são tidas como as linhas de desterritorialização absoluta, que não apresentam pontos de deslocamentos marcados, mas possibilidades de fuga em qualquer ponto. São movimentos com grandes potenciais de desestruturação do eu, que lhe conduz a experimentação do novo, por vezes desconhecido.

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 72)

Como exposto, as linhas de fuga são escapes para a produção fora dos sistemas, daquilo que pressiona o sujeito. As linhas de fuga apontam para a criação do novo, sob um processo que está para além das construções tecidas pelas linhas anteriores. Nesta linha desbrava-se novos caminhos rompendo as estruturas produzidas, sempre abrindo espaços para novas construções ou para a desconstrução.

Diante do exposto, somos tomados pelos processos de subjetivação formado a partir dos múltiplos cruzamentos de diferentes estruturas e segmentos que não cessam de interferir sobre o outro. Juntos concorrem para a organização ou desorganização dos corpos sociais, compondo e transformando-os no seio das grandes e pequenas instituições.

É justamente por esse motivo que Deleuze e Guattari aponta para uma subjetividade enquanto processo, haja vista que é por meio dessas linhas que o homem se constrói e se desconstrói ao se aventurar pelas linhas de fuga.

**Quadro 3:** Os três tipos de linhas identificadas por Deleuze e Guattari

LINHA	CARACTERÍSTICA
Segmentar dura ou molar	Leva em consideração os conjuntos estratificados pelas grandes instituições sociais, como gênero, classes sociais e outros.
Segmentar maleável	Caracteriza-se pelas relações mais fluidas e flexíveis, apresentando funcionamento rizomático.
De fuga	Linhas de completa ruptura que promovem a desconstrução absoluta do eu a partir das relações estabelecidas.

**Fonte:** Gomes (2020)

Dando continuidade à discussão, Guattari (2000, p. 19) defende ainda que a subjetividade pode ser tomada como:

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.

Neste sentido, a subjetividade é entendida enquanto produto das múltiplas instâncias que conduzem nossas ações no meio individual e coletivo, ou seja, ora ela se produz a partir de condições individuais psicogenéticas ora é produzida por instâncias coletivas, de caráter social.

Deste modo, as condições imbricadas na produção de subjetividade estão estruturadas a partir de fatores heterogêneos e múltiplos que se relacionam de modo transversal e concorrem para a composição de novas formas subjetivas. Tais condições podem ser entendidas enquanto instâncias humanas intersubjetivas, interações institucionais de diferentes naturezas, dispositivos maquínicos, universos de referência incorporais, dentre outros (GUATTARI, 2000).

Desta feita, a subjetividade se produz num campo complexo, no qual faz-se necessário considerar as transversalidades e os deslocamentos humanos a outros campos de produção, que se traduz nos relacionamentos com os outros no espaço social e as constantes relações com outros aparelhos de produções subjetivas, para então compreender a sua constituição.

Com efeito, o indivíduo encontra-se numa encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade.

Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de "grupos primários" (o clã, o bando, a turma, etc.). Outros, ainda, são do domínio da produção de poder; situam-se em relação a lei, a polícia, etc. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, P. 34)

Desta feita, podemos perceber que para a subjetividade não existe fator estruturante que a determine, mas, sobretudo componentes que possibilitam sua construção a partir de um processo heterogêneo, isto é, na combinação de elementos familiares, religiosos, políticos e outros. Nesta perspectiva, só podemos defender a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, substancialmente fabricada, modelada, recebida, consumida (GUATTARI E ROLNIK, 1996).

Deste modo, a subjetividade está em um constante processo de configuração no qual esses diversos componentes agem conjuntamente modelando o "Eu", transformando-o e provocando alterações até mesmo nos elementos mais resistentes e duros.

A respeito desse processo, o autor destaca que a conexão entre os diferentes elementos que se articulam para a produção de subjetividade opera-se no meio social, que pode ser entendido então como o campo ideal para a construção de si mesmo, bem como para a manifestação das representações.

Nesta perspectiva, é por meio das atuações no espaço social que se torna viável construir-se enquanto um ser subjetivo, uma vez que a subjetividade “resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc.” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 34)

Deste modo, a subjetividade do indivíduo é produzida a partir de múltiplos processos e conseqüentemente expressada nas suas relações pessoais e coletivas, possuindo estreita associação aos fatores que lhe acompanham e que fazem parte de seu contexto histórico, social, cultural, familiar e etc.

Diante do exposto, cabe fortalecer que o pensamento defendido pelos autores, trata-se de uma subjetividade construída num espaço relacional, isto é, na relação estabelecida entre o “eu” e o “outro”, bem como na relação do “eu” com as demais máquinas produtoras de subjetividade da sociedade, sendo então, totalmente fabricada e modificada no registro do social.

Se as subjetividades possuem estreita relação com os fatores sociais, elas foram produzidas de modos diferentes em épocas diferentes, tendo em vista que os modos de referência subjetivas e modos de produção subjetiva se alteraram e deram espaço a novos modos de produção, sobretudo, em virtude dos sistemas capitalistas.

O sistema de produção capitalista constitui-se num importante elemento das construções subjetivas. O modo como as sociedades se organizaram e se organizam demonstram o quanto a preocupação com o capital é um forte potencializador e influente das relações humanas, pois estabelecem modelos de comportamento e provoca grandes alterações na estrutura social.

Podemos ver como os sistema de produção econômica se traduzem num interventor das relações humanas e das concepções de sujeito em diversos momentos da história, pois ao longo do tempo vemos que a transição de um período para outro, geralmente, encontra-se relacionado com as transformações econômicas e comerciais

Nas palavras de Guattari e Rolnik (1996) o cenário mundial da lógica capitalista se apresenta como um dos principais produtores de subjetividade, pois em meio a toda produção, o capital ganha destaque, tendo a cultura de massa como principal atração das sociedades e o indivíduo como um consumidor dessa subjetividade.

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. [...] A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, P. 16).

Assim, sob a perspectiva das produções subjetivas operadas pelo regime capitalista podemos notar uma nova forma de poder imperando, sobretudo, na contemporaneidade, na qual o objetivo primordial é a conservação de uma cultura hegemônica em favor do capital, ou seja, a produção de uma cultura homogênea, que permita com mais facilidade a propagação de ideias dominantes e o fortalecimento do mercado.

Partimos agora, à abordagem sociológica que Erving Goffman (2002) concebe a respeito da vida social, que nos permite perceber a importância das relações sociais na construção de nossas identidades, ou melhor das subjetividades, já que consideramos para o nosso estudo uma concepção de sujeito construído. Além disso, a obra serve para fazermos um paralelo às relações estabelecidas nas redes sociais virtuais, que será discutido mais a frente.

Para isso, utilizaremos a obra “As representações do Eu na vida cotidiana” de Goffman (2002), bem como a obra de Nizet e Rigaux (2016) intitulado “A Sociologia de Erving Goffman” que traz pontos importantes do pensamento do autor, facilitando a compreensão da produção goffminiana.

Segundo os autores Nizet e Rigaux (2016) a obra Erving Goffman ganha destaque por se propor a analisar o que acontece quando pelo menos duas pessoas se encontram face a face, colocando em debate as regras adotadas e os papéis, representados pelos atores envolvidos nessa interação, o que nos permite também envolver as interações mediadas por tecnologia ou interações remotas.

Goffman (2002, p. 23) define “interação” como “toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outras”

Assim, diante das interações, Goffman (2002) metaforiza a vida social, comparando-a com um teatro onde é possível conceber as representações do Eu na vida social. Assim, ele se utiliza de algumas expressões provenientes do universo teatral e atribui outros significados para atingir o seu objetivo.

Goffman (2002) coloca que a partir da interação entre os atores sociais, podemos destacar diferentes expressões que o ator adota a fim de controlar as impressões do público. Neste sentido, evidencia-se:

as expressões explícitas (a linguagem verbal); as expressões indiretas (gestos, posturas corporais); e chama muito especialmente nossa atenção para o que denomina de objetos (os elementos materiais que o indivíduo traz consigo: roupas, acessórios), e, por fim, de cenário (os elementos materiais mais estáveis: mobiliário, decoração). (NIZET e RIGAUX, 2016, p. 29-31)

Diante disso, é possível perceber que cada elemento por mais simples que seja, é carregado de sentidos e contribui em grande escala para conduzir a apresentação do ator e em conjunto serve para garantir a estabilidade que este necessita para evitar rupturas na interação.

Deste modo, o ator agrupa diferentes elementos, como o “palco”, o “papel”, a “máscara” e o seu “público”, para fixar a definição da situação que ele tenta apresentar, associando-os aos valores estabelecidos em determinadas posições sociais a fim de sustentar uma espécie de realidade a qualquer custo, tal como ocorre na redes sociais quando na criação de um perfil virtual.

Neste sentido, a grande questão concentra-se em compreender de que forma o ator consegue produzir e manter certas impressões que servirão de realidade para ele e para o seu público, ainda que a apresentação não mantenha estreita relação com a realidade vivida.

De acordo com Goffman (2002), uma vez que o público não tem acesso integral à verdade, ele se aterá àquilo que está sendo apresentado no palco. No caso da internet como palco os usuários se atêm ao que é postado e compartilhado no perfil da rede.

Tal cenário possibilita ao ator utilizar-se de diferentes meios para controlar as impressões que se dá, demonstrando cuidado principalmente aos aspectos habitualmente menos controlados de seu comportamento, como os seus defeitos, problemas e imperfeições. (NIZET e RIGAUX, 2016).

Em suma, os atores sociais se preocupam em transmitir, ainda que de modo inconsciente, uma determinada impressão sobre si mesmo, tendo dessa forma que interpretar incessantemente diferentes personagens ao assumir o papel adequado a cada situação que lhe aparece nas interações sociais.

Nessa relação, cabe inicialmente estar a par de todo o conjunto de elementos que se faz presente na interação para que assim se decida qual melhor papel a ser interpretado. Essa posição pode ser decidida a partir da comunicação com o outro, bem como da observação visual que se faz do ouvinte, do tempo e do espaço em que se encontra.



Diante disso, em diversas situações os elementos servem para fortalecer a forma como gostaríamos de sermos interpretados, para isso utilizamos todos os artefatos necessários para regular nossa conduta, na intenção de sustentar a harmonia entre as interações sociais.

Nesta perspectiva, uma vez que as interações sociais ocorrem de maneira diferente e geram resultados e representações distintas, dependendo das relações espaço-tempo, podemos fazer um paralelo dessa analogia produzida por Goffman, colocando essa interpretação no seio das relações virtuais.

Assim, apesar dos estudos deste autor não estarem direcionados a era tecnológica e aos seus efeitos, podemos afirmar que na contemporaneidade, as redes sociais virtuais podem ser constituídas enquanto um grande palco de apresentações teatrais, onde os atores decidem sobre suas máscaras e apresentam a seu público buscando controlar uma representação de si mesmo neste ambiente virtual da vida cotidiana.

Deste modo, é perceptível também que no palco das redes sociais os atores decidem sobre que ‘máscara’ utilizar no contexto das suas interações e as impressões que pretendem repassar a seu público, sendo ainda mais fácil conseguir atingir esse nesse espaço, já que se trata de um ambiente mais aberto e mais propício para a manutenção de uma imagem.

Neste sentido, da mesma forma como se pode apresentar uma imagem real pode-se apresentar uma imagem manipulada e forjada, que nem sempre condiz com uma realidade vivida pelo usuário. Assim, uma vez que é possível manter o controle daquilo que se deseja expor e manifestar no espaço virtual, surge nesse contexto a oportunidade de mostrar uma versão idealizada de si próprio.

Nas redes sociais há a possibilidade então de forjar com maior intensidade a representação do Eu, haja vista que o ator tem mais facilidade de controlar as informações que são repassadas ao outro por meio das ferramentas *onlines*, dando a oportunidade de um ator agir com as melhores estratégias na formação de sua imagem.

Em todo caso, as redes sociais virtuais podem ser encaradas como o melhor palco de apresentações das diferentes representações que se queira apresentar, já que disponibiliza um conjunto diverso de elementos para a apresentação do “eu”.

A possibilidade de descrever nas redes sociais, o que estou pensando, o que estou sentindo, o que estou fazendo, são aspectos que revelam em grande escala o que faz parte de mim, o que acredito, defendo e abomino, ou seja, que posicionamento eu adiro frente às diversas questões da vida coletiva.

Da mesma forma, a postagem de fotos, vídeos e outras atividades que se desempenha nesse espaço público contribuem para manifestar a forma como indivíduo se concebe, ou pelo menos como desejo ser visto pelos outros que estão ao seu redor.

De todo modo, as redes sociais constituem-se enquanto um imenso espaço de construção subjetiva, uma vez que tem interferido em nossas ações na sociedade com potenciais significativos, nos formando e nos desconstruindo continuamente através da aproximação cultural e de toda relação que podemos estabelecer com o outro.

Deste modo, podemos apontar que os elementos da nova era trouxeram resultados marcantes para o campo social, sendo facilmente perceptível tanto em nossas atividades rotineiras quanto nas atividades menos habituais, para nossas relações pessoais, comunicativas, comerciais, políticas e culturais, através, principalmente da internet e das redes sociais virtuais.

Além disso, tem sido canal de expressão dessa subjetividade construída a partir dos múltiplos cruzamentos das linhas apontadas anteriormente. De fato, as redes sociais virtuais possuem um papel significativo na vida contemporânea, dada a grande importância que damos a ela para as nossas relações. O modo como a utilizarmos constantemente permite que elas influenciem de maneira surpreendente, chegando até mesmo a determinar nossas atitudes.

Neste sentido, o Facebook, o Instagram, o Youtube e outras plataformas digitais aparecem hoje como um dos principais instrumentos de disseminação de conteúdos para as novas gerações. Assim, para os adolescentes, as redes sociais virtuais podem ser encaradas como uma referência para seus modos de vida.

**Quadro 4:** Teorias utilizadas para a formulação da discussão sobre a questão da subjetividade

AUTOR	CARACTERÍSTICA
Stuart Hall	Frente aos processos da sociedade pós-moderna a identidade é formada e transformada continuamente, resultando num sujeito sem uma identidade, fixa, essencial ou permanente. Assim, as identidades não estão fincadas sobre um “eu” unificante, mas em constante deslocamento. Deste modo, o sujeito apresenta diferentes identidades em decorrência dos diferentes momentos que ele participa.
Gilles Deleuze/Félix Guattari	A subjetividade é entendida como um processo construído pelas múltiplas relações que se estabelecem ao longo da vivência do sujeito. Por meio do cruzamento das linhas (dura ou molar, maleável e de fuga) que compõem as nossas relações pode-se denominar uma “subjetividade

	desterritorializada”, que se constrói nos deslocamentos dessas linhas num processo contínuo.
Erving Goffman	As representações da identidade dependem dos cenários e das relações pessoais estabelecidas entre o ator (eu) e seu público (outro/s). A partir desta interação o ator tenta controlar as impressões que o outro terá sobre ele, utilizando diversos instrumentos da comunicação a seu favor, a fim de sustentar a imagem pretendida. Nesta perspectiva, a identidade encontra-se sob o viés das representações que tentamos gerir.

**Fonte:** Gomes (2020)

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 AS ESCOLAS-CAMPO: ESCOLA REUNIDA DA TRESIDELA E ESCOLA MUNICIPAL MARIA ELISA CUNHA

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas, sendo elas, a Escola Municipal Reunida da Tresidela (EMRT) e a Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima (EMMECL) que estão situadas na parte urbana do município de Grajaú-MA, mas em bairros diferentes. A primeira fica no bairro Tresidela e a segunda no bairro Rodoviário.

Inicialmente, cabe destacar que nenhuma das duas escolas possuem ferramentas tecnológicas de informação e comunicação disponíveis para uso dos alunos. Assim, nestas escolas não há laboratórios de informática, nem internet de acesso livre aos estudantes, mas somente 1 computador para uso administrativo. Deste modo, a escola não pode ser considerada um local de acesso a internet por parte dos adolescentes entrevistados. Ainda assim, na presente seção será apresentada de forma breve alguns aspectos destas escolas.

A Escola Municipal Reunida da Tresidela (EMRT) atende alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, sendo apenas uma turma de cada série, tendo em vista que a infraestrutura da escola não permite mais que isso. De maneira geral, esta instituição de ensino funciona atualmente com um ambiente compacto, tendo basicamente salas de aula, sala de professores, banheiros e cozinha.

Segundo relatos de professores, a escola atende, majoritariamente, alunos da zona urbana do município, que em sua maioria possuem certa estabilidade financeira e familiar, contribuindo para o bom desenvolvimento das atividades escolares. Deste modo, apesar da infraestrutura pendente, a instituição carrega uma representação positiva na questão educacional da cidade, sendo apontada pelos professores como uma das melhores escolas de ensino fundamental - anos finais - do município.

De acordo com a plataforma QEdu (2018), os dados mais recentes sobre a EMRT são de 2018. Nesta plataforma vê-se que neste ano as taxas de rendimento, que levam em consideração a quantidade de alunos aprovados, reprovados e que abandonam a escola ao final de um ano letivo, são agradáveis, uma vez que a escola apresenta 100% de aprovação, 0% abandono e 0% de reprovação.

A plataforma QEdu (2018) mostra ainda que a taxa de Distorção Idade-Série desta escola estava em 12% tratando-se do quadro geral da instituição, ou seja, de cada 100 alunos,

aproximadamente 9 estavam com atraso escolar de 2 anos ou mais. Em dados pormenores, esta taxa no 6º ano era de 0%, no 7º ano era de 20%, no 8º ano era de 16% e no 9º ano era de 7%.

A Escola Maria Eliza Cunha atende alunos tanto do ensino fundamental - anos iniciais (1º ao 5º ano) quanto dos anos finais (6º ao 9º ano). A instituição possui infraestrutura agradável, dispondo de ambientes básicos para a realização de atividades educativas como salas de aulas, cozinha, quadra de esportes, sala para diretoria, sala para professores, pátio e banheiros.

Desta feita, a Escola Municipal Maria Eliza Cunha Lima (EMMECL), atende alunos oriundos da zona urbana, bem como da zona rural, indígenas e não-indígenas que dependem de transporte público para chegarem até a escola. Conforme um professor entrevistado, a instituição enfrenta algumas dificuldades quanto a aprendizagem de alguns alunos indígenas que por vezes não se adaptam ao sistema escolar e acabam não acompanhando no mesmo ritmo dos demais.

O QEDu (2018) revela que na EMMECL as taxas de rendimento indicam a necessidade de estabelecer métodos para conter o avanço da evasão escolar nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), uma vez que esta taxa se encontra acima de 5%. Nesta etapa, aproximadamente 11 alunos não apresentaram os requisitos de aproveitamento e/ou frequência escolar, ocasionando em 12,0% de reprovação. Aproximadamente 3 alunos deixaram de frequentar a escola durante o ano letivo em curso, gerando 2,5% de abandono e, por fim, obteve-se 76 aprovações o que representa 85,6% dos alunos.

No que diz respeito a Distorção Idade-Série, o QEDu (2018) expõe que de maneira geral, de 100 alunos desta escola 43 estavam com atraso escolar de 2 anos ou mais, o que representa uma situação preocupante, tendo em vista que quase a metade dos alunos não estavam cursando a série na idade correta. Neste sentido, 31% dos alunos que estavam cursando o 6º ano, 50% dos que estavam cursando o 7º ano, 35% dos que cursavam o 8º ano e 62% dos que estavam cursando o 9º ano, estavam com distorção idade-série

De acordo com o UNICEF (2018, p. 04)

A distorção idade-série é um fenômeno cumulativo que tem início nos primeiros anos do ensino fundamental e se arrasta por toda a trajetória escolar de meninas e meninos, que vão sendo deixados para trás. Uma parcela deles deixa de frequentar a escola já no ensino fundamental, outra alcança o ensino médio com muitas dificuldades de aprendizagem e muitos não conseguem concluir a jornada escolar 1º ao 5º ano com qualidade e na idade esperada.

Diante disso, vê-se que a questão do atraso escolar trata-se de uma realidade que atinge a população estudantil como um todo, onde os mais vulneráveis são os adolescentes,

sobretudo os indígenas, negros e com deficiência, o que coincide com a situação percebida na EMMECL que atende uma parcela significativa de adolescentes indígenas.

Posto isto, foi possível conhecer alguns aspectos das escolas em que se aplicou o questionário. Deste modo, por meio da discussão apresentada vê-se que estes espaços tratam-se de instituições que possuem semelhanças e particularidades, o que permite discutir os dados e por vezes compará-los, possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre a questão em estudo.

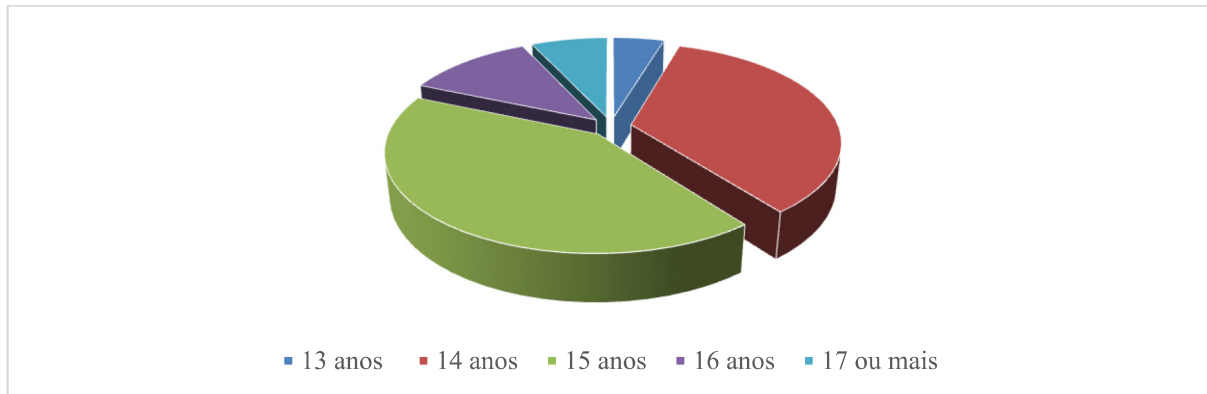
### 3.2 DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

O questionário foi aplicado em duas escolas a fim de possibilitar a comparação dos dados ao trabalhar com escolas que atendem públicos diferentes. Essa abordagem comparativa teve como objetivo principal identificar possíveis semelhanças e diferenças na forma como os adolescentes utilizam as redes sociais e outras questões envolvidas na discussão.

Deste modo, serão apresentados de forma descritiva os resultados da pesquisa, expondo as percepções dos adolescentes a partir do questionário aplicado, ampliando a discussão por meio da sistematização dos dados, exposição gráfica e outros elementos. Desta feita, os gráficos serão expostos com os dados agregados, expondo a totalidade das informações e em seguida serão verificadas as possíveis correlações existentes no próprio texto.

Os adolescentes participantes da pesquisa totalizam 43 alunos das duas escolas mencionadas, sendo 21 da Escola Municipal Reunida da Tresidela que estavam cursando o 9º ano; e 22 da Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima, cursando o 8º (11 alunos) e 9º (11 alunos) ano, totalizando 32 alunos do 9º ano e 11 alunos do 8º ano.

Sendo assim, segue a apresentação dos gráficos com o resultado das perguntas fechadas, e posteriormente das perguntas abertas. O objetivo é captar o perfil demográfico e a representação social que os entrevistados têm acerca das redes sociais para compreendermos em que sentido estas se fazem presente na vida do adolescente, e como esse uso interfere em sua construção subjetiva.

**Gráfico 1: Idade**

**Fonte:** Gomes (2020)

Este gráfico traz informações gerais a respeito do perfil dos adolescentes que participaram da pesquisa, indicando a faixa etária deles. Diante disto, percebe-se que todos os entrevistados são menores de idade, sendo que a maioria são adolescentes com 14 e 15 anos, o que representa 77% dos entrevistados. Segundo dados do CGI.BR (2019, p. 125), no contexto brasileiro, “considerando a população de 15 a 17 anos, o percentual atinge quase a totalidade de usuários de Internet (97%)”, o que se assemelha à realidade dos alunos entrevistados.

Na Escola Municipal Reunida da Tresidela, os 21 alunos são todos do 9º ano, sendo que 52% disseram ter 15 anos, 38% disseram ter 14 anos e 10% disseram ter 16 anos, o que em números absolutos corresponde a 11, 8 e 2 alunos respectivamente. Esses dados nos revela uma pequena distorção idade/série<sup>4</sup>, já que nesta série a idade adequada é de 14 anos. Sendo assim, os alunos com idade igual ou superior a 16 anos, se encontra acima da idade recomendada.

Na Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima, vê-se que essa distorção é mais visível, pois dos 11 alunos que estão no 8º ano, apenas 5 (45%) estão na idade ideal que é de 13 anos. Os outros 6 alunos (55%) que tem 15 anos ou mais, já se encontram com distorção idade-série. Nesta turma, dois alunos disseram ter 15 anos, dois disseram ter 16 e dois disseram ter 19 anos.

Na turma do 9º ano, 82% dos alunos estão cursando a série na idade correta, o que corresponde a 9 alunos. No entanto, 18% (2 alunos) estão acima da idade adequada, tendo em vista que um aluno disse ter 16 anos e outro disse ter 18 anos.

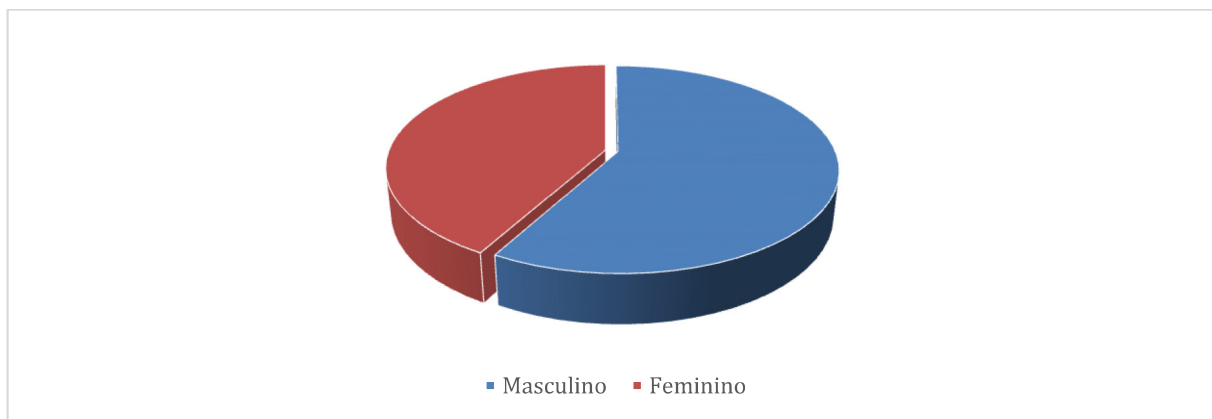
<sup>4</sup> Conforme publicado no Panorama da Distorção Idade-série no Brasil - Unicef (2018), a distorção idade-série é a proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar. No Brasil, mais de 7 milhões de estudantes se encontram nesta situação. Desse número, a maioria são adolescentes de camadas mais vulneráveis que por motivos de trabalho acabam sendo obrigados a abandonarem os estudos para garantir o seu sustento e contribuir nas despesas da família.

De maneira geral, nessa escola, 64% dos alunos estão cursando a série na idade correta, ao passo que 36% dos estudantes estão com distorção idade-série, sendo então um número considerável e preocupante. Neste caso, pode-se atribuir tal fato à questão da zona de moradia dos alunos, uma vez que a escola atende uma parcela significativa de alunos da zona rural e de comunidades indígenas próximas a cidade.

Segundo o Panorama da Distorção idade-série no Brasil publicado pelo Unicef em 2018, com base no Censo Escolar de 2017, comunidades indígenas, áreas rurais e outras que não se encontram na zona urbana, são as que apresentam taxas de distorção idade-série mais altas, o que pode ser visto na realidade de Grajaú.

No caso do município em questão, sabe-se que a falta de escolas nos sertões e comunidades indígenas é uma problemática, desta feita muitos alunos precisam se deslocar para a cidade para concluírem seus estudos. No entanto, é constatado através dos meios de comunicação que a questão dos transportes escolares não atende com eficácia o público que se desloca para a cidade, o que dificulta a aprendizagem desses alunos. Além disso, podem ser citados outros fatores, como as situações de vulnerabilidade social em que se encontram muitas famílias dessas áreas, que é um motivo para o abandono escolar ou a repetência de séries.

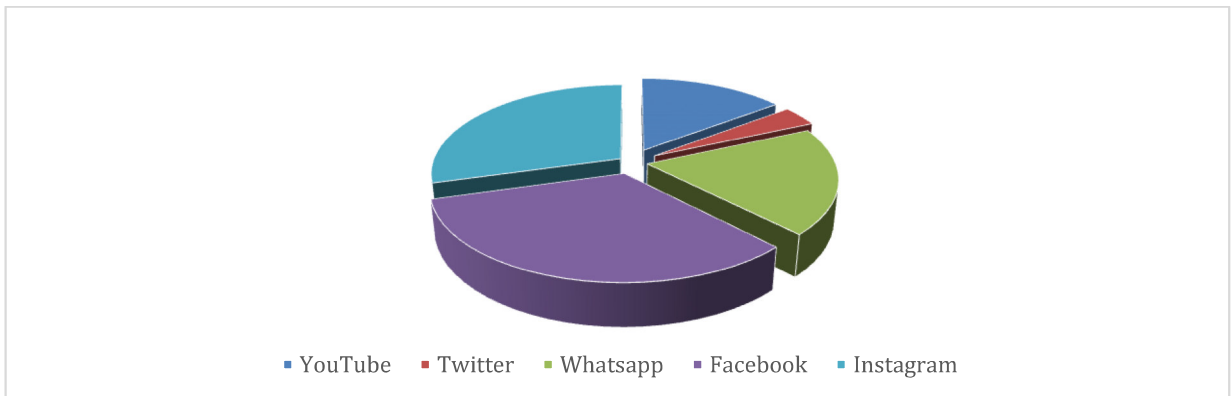
**Gráfico 2:** Sexo



**Fonte:** Gomes (2020)

Como demonstrado no gráfico, a maioria dos entrevistados são adolescentes do sexo masculino. No entanto, a diferença entre homens e mulheres é mais expressiva na Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima, onde o número de homens é superior ao número de mulheres, sendo 15 homens e 7 mulheres. Na Escola Reunida da Tresidela, a quantidade de homens e mulheres é praticamente a mesma, sendo 10 homens e 11 mulheres.



**Gráfico 3:** Que redes sociais utiliza

**Fonte:** Gomes (2020)

Neste gráfico, apresenta-se em que redes sociais os adolescentes possuem uma conta ou perfil, o que permite conhecer que as redes sociais fazem parte da vida destes sujeitos. Por meio do gráfico pode-se perceber que de maneira geral a maioria dos entrevistados possuem mais de uma mídia social, sendo que o Facebook, o WhatsApp e o Instagram aparecem com maior número de usuários.

Apesar de se esperar que o WhatsApp ficasse à frente, ocupando o primeiro lugar por necessitar apenas de um celular do tipo smartphone, notou-se que nem todos os adolescentes entrevistados portavam esse aparelho, sobretudo os alunos da EMMECL. Assim, para acessar as outras redes sociais, eles utilizavam os celulares dos pais e por vezes de amigos.

Assim, na Escola Maria Elisa Cunha, o Facebook aparece como a rede mais utilizada pelos adolescentes, em seguida o WhatsApp, sendo que alguns alunos disseram ter apenas o Facebook. Já na Escola Reunida da Tresidela, aparece primeiro o Instagram e o WhatsApp em segundo, com pouca diferença, e em terceiro o Facebook.

Diante disso, é importante ressaltar que as redes sociais preferidas (Facebook, Instagram e WhatsApp) têm foco na exposição da imagem e/ou interatividade, superando o YouTube cujo foco é conteúdo multimídia. Isso nos revela que a auto afirmação é mais relevante que o acesso a conteúdo – já o Twitter, enquanto microblog, tem um caráter informativo/marketing talvez pouco atrativo para jovens, tanto que quase não aparece nos dados da pesquisa.

Em síntese, o virtual é o mundo dos símbolos, de significações que a internet produziu a partir de elementos muito próprios. Podemos observar que nas mídias sociais,

como Facebook, Instagram WhatsApp, nos relacionamos com uma linguagem completamente diferente da linguagem que nós temos. Trata-se de abreviações de palavras, o uso de emojis, as opções “curtir” “comentar”, “compartilhar” e uma série de atividades nesse espaço de significações, que são elementos importantes para se pensar a estrutura dessas interações e as subjetividades que se constroem.

Assim, podemos dizer que tudo que se cria no mundo virtual, a partir das mídias sociais constrói aquilo que Lévy (1999) chamou de cibercultura, como já discutido aqui, uma vez que por meio dessas mídias os adolescentes e todos os que fazem uso delas compartilham experiências, ideias, seu modo de pensar e perceber o mundo, surgindo assim uma cultura dinâmica, que colabora significativamente para a constituição do sujeito.

De outro modo, podemos falar nos encontros que se dão nos espaços virtuais, por meio da exposição de imagens e de conversas que são umas das principais atividades entre os adolescentes nas redes sociais. Situações como essa também remete a uma série de questões, que permite identificar transformações na subjetividade destes adolescentes, uma vez que a subjetividade se constrói incessantemente a partir daquilo que vem do outro, ou seja, nos encontros do Eu com o outro.

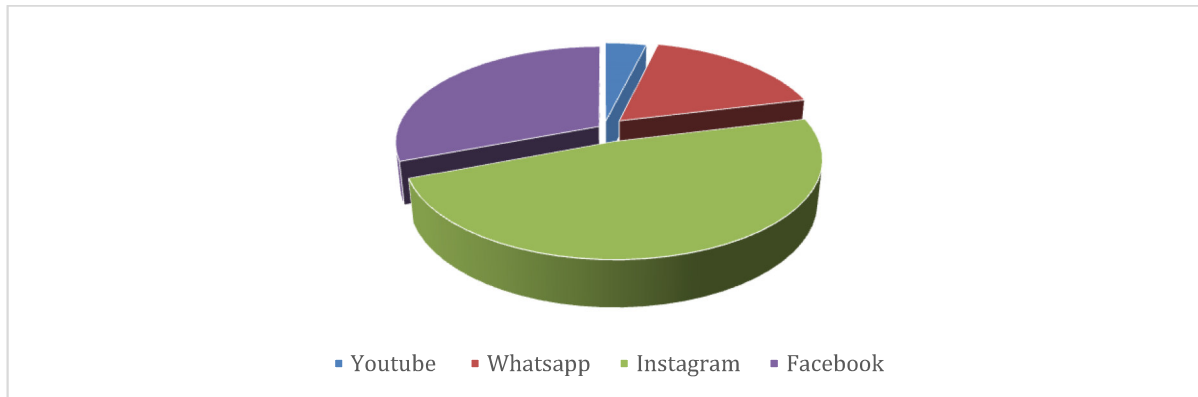
Deste modo, é um processo no qual se distribui e se absorve modos de ser, quase sempre em favor de uma hegemonia, ou seja, na massificação dos indivíduos que é alcançada pela produção de subjetividade capitalística.

De acordo com Guattari e Rolnik (1996, p. 67)

O que é produzido pela subjetividade capitalística, e que nos chega através da mídia da família, enfim, de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas ideias; não são a transmissão de significações através de enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificações com polos maternos, paternos, etc. São, mais essencialmente, sistemas de conexão direta, entre, de um lado as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 67)

Nesta perspectiva, sabe-se que nas redes sociais, sobretudo no Facebook e Instagram o encontro com este outro predomina-se pela a exposição, por vezes exagerada, de si mesmo através de fotos/selfies, valorizando padrões culturais, sobretudo em relação ao corpo, bem como a partir da interação por meio de publicações e chats. Neste sentido, a interação e a imagem são empregadas pelas mídias sociais como forma de construir subjetividades, uma vez que estas possuem potenciais significativos para provocar nos usuários uma gama de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos.

**Gráfico 4:** Em qual rede social costuma ficar mais tempo online



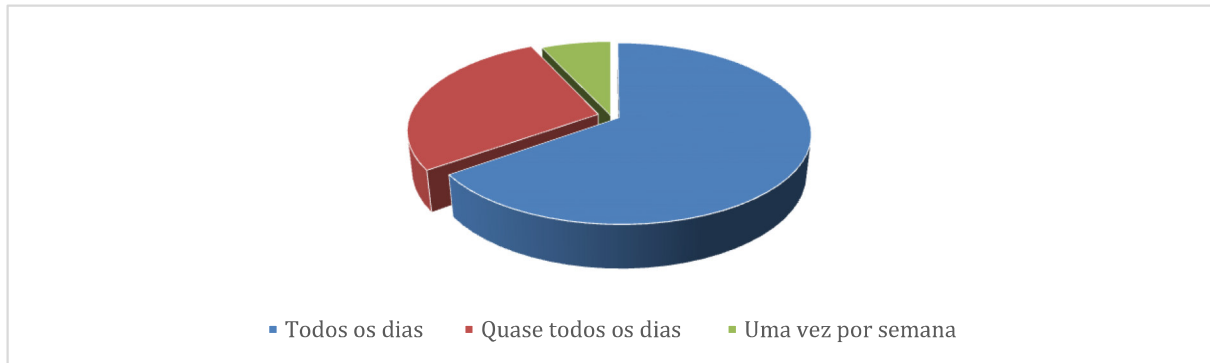
**Fonte:** Gomes (2020)

Esses dados se referem à curiosidade que se tinha em saber qual rede social os adolescentes costumavam dedicar maior parte do seu tempo<sup>5</sup>. Neste sentido, a maioria dos alunos apontaram duas redes que mais utilizam, sendo que o Instagram foi registrado como a rede social mais usada por eles, mas aparecendo na maioria dos casos acompanhado do Facebook na EMMECL e do WhatsApp na EMRT. Assim, de maneira geral, o Instagram aparece como a rede que os adolescentes ficam mais tempo online.

Deste modo, reafirma-se por meio destes dados a tendência que se tem na atualidade em ser atraído por conteúdos que há predominância da exposição da imagem, como forma de garantir sua existência e identificação no mundo ao seguir o que é predominante na cultura e na vida social.

Assim, como já mencionado em seções anteriores Arendt (2007) corrobora esse pensamento afirmando que todo ser humano carrega consigo a necessidade de garantir sua realidade e a do mundo que vive. Para isso, é necessário estar presente e se sentir inserido no mundo criado pelas mídias sociais na atualidade.

<sup>5</sup> A ideia inicial era que os entrevistados apontassem apenas uma rede, contudo, no momento da aplicação do questionário eles alegaram não ser possível apontar apenas uma rede social, tendo em vista que geralmente utilizam duas redes sociais simultaneamente. Com isso, fora aberto espaço para que eles mencionassem mais de uma.

**Gráfico 5:** Frequência de acesso às redes sociais

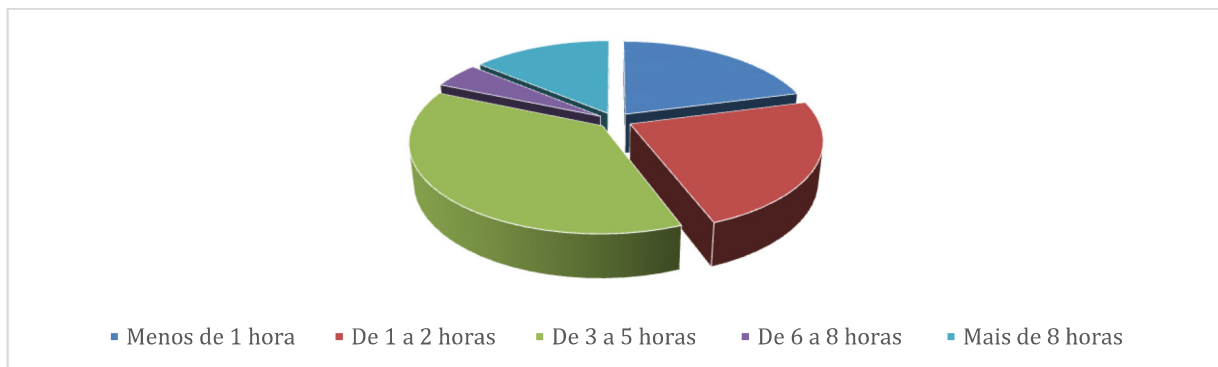
**Fonte:** Gomes (2020)

Nota-se a partir deste gráfico que a maioria dos alunos entrevistados acessam as redes sociais todos os dias, revelando assim que estas fazem parte do seu cotidiano. Aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos alunos relataram acessar as redes sociais quase todos os dias e um número reduzido informou que só acessam uma vez por semana.

Diante da atratividade apresentada pelos meios de comunicação atual, as funções existentes acabam gerando dependência desses dispositivos que captam de maneira mais rápida os adolescentes, expondo-os a situações diversas, como compulsão pela vida online coberta de fantasias e desejos não alcançados na vida real, intensificados por aquilo que o outro posta.

Em todo caso, o fato de estar imerso nas redes sociais dedicando boa parte do tempo em si se traduz num elemento de construção/desconstrução subjetiva. Por meio desse processo de comunicação virtual intensificado, podemos assistir as transformações recorrentes no comportamento dos adolescentes, que em busca de se sentirem aceitos em meio ao cenário tecnológico, converte um simples diferencial em necessidade, como se expressa nas respostas dos entrevistados.

Assim, a fim de conhecer melhor sobre a intensidade desse uso, foi questionado quantas horas diárias aproximadamente os adolescentes passavam nas redes sociais, como demonstrado no gráfico a seguir.

**Gráfico 6:** Quantas horas diárias passa conectado às redes sociais

**Fonte:** Gomes (2020)

Diante dos dados apresentados no gráfico acima, vê-se que os maiores números de entrevistados acessam as redes com uma frequência de 3 a 5 horas por dia, o que denota um tempo prolongado de utilização das redes sociais por parte destes adolescentes. Destaca-se também, a quantidade de adolescentes que utilizam as redes de 1 a 2 horas por dia, bem como aqueles que acessam por menos de uma hora. Apesar de ser um tempo menor, também se apresenta enquanto um uso diário considerável.

Como aponta o Comitê Gestor de Internet no Brasil (2019), as condições de acesso à rede são elementos decisivos para a intensidade de exploração das atividades possibilitadas através do espaço virtual. Deste modo, fatores como a disponibilidade de aparelhos, o acesso e qualidade aos sinais de internet, são aspectos determinantes sobre a forma de utilização dos ambientes on-line.

Nos últimos anos, vê-se como o acesso à internet se intensificou no Brasil, sendo utilizada por cerca de 70% da população brasileira, conforme dados do CGI.BR (2019), incentivando maior aderência as redes sociais. Além disso, leva-se em consideração a massificação dos aparelhos eletrônicos como smartphones, tablets, notebooks e outros, que facilitaram o acesso aos ambientes virtuais, estimulando uma maior participação nesses espaços em termos de quantidade de tempo.

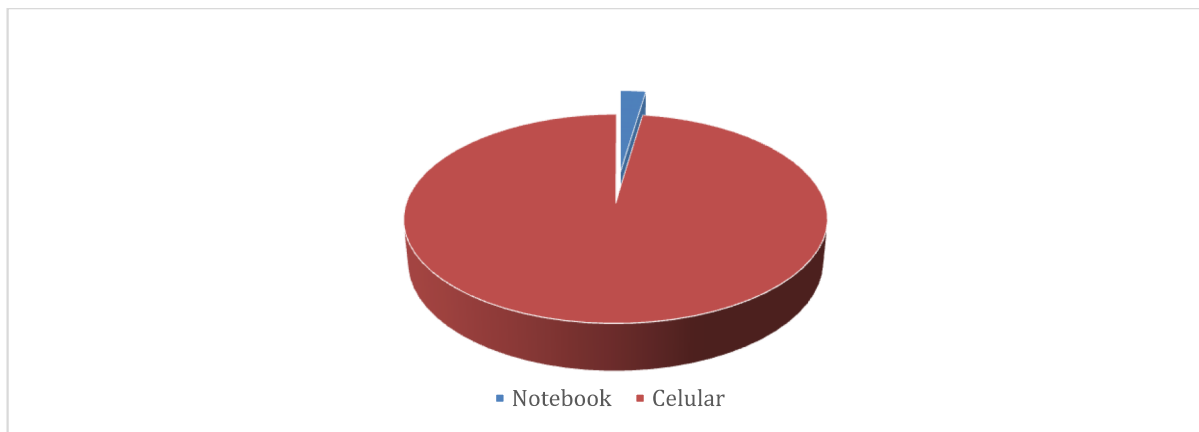
Tal fato pode ser aplicada à realidade estudada, dado que se percebe muitos adolescentes conectados por várias horas por dia, haja vista que portando somente um *smartphone* com acesso à internet, é possível manter-se conectado o tempo todo por meio deste aparelho.

Por outro lado, é importante destacar que se verificou por meio da pesquisa que na Escola Maria Elisa Cunha, a média de alunos que disseram acessar a redes sociais por menos

de uma hora, é maior que na Escola Reunida da Tresidela. Este dado chama atenção pelo fato de muitos alunos da EMEC serem da zona rural, o que pode ser a causa de alguns deles terem pouco acesso às redes se comparado aos alunos da ERT que são todos da cidade.

Sobre essa questão, os dados de 2018 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019), revela que é perceptível as disparidades existentes no uso da internet quando se compara a população usuária da zona urbana (74%) com a população rural (49%). Vê-se que menos da metade da população rural tem acesso à internet. De acordo com o CGI.BR (2019), essa é uma questão histórica que evidencia as desigualdades entre os grandes centros e as áreas mais remotas do país.

**Gráfico 7:** Qual o aparelho mais utilizado para acessar as redes sociais



**Fonte:** Gomes (2020)

O gráfico nos revela que os celulares, sobretudo, os modelos atuais que permitem acesso à internet são um dos principais meios utilizados pelos adolescentes para o acesso às redes sociais. Geralmente, a posse de um celular tem como objetivo principal a utilização das redes sociais, para checar constantemente a sua vida *online*, o que não poderia ser diferente, uma vez que a comunicação na atualidade se faz principalmente por meio dessas mídias e usufruir desses dispositivos é sinônimo de status social.

Desta feita, com a posse dos *smartphones* os adolescentes já não precisam mais abrir computadores para conectar-se a internet e acessarem suas redes sociais, como acontecia poucos anos atrás, quando as pessoas costumavam frequentar *lan houses* para navegar na internet. Atualmente, é mais fácil ter acesso a esses aparelhos, portanto, tornou-se mais simples explorar o espaço virtual.

Apesar de nem todos os adolescentes possuírem um aparelho celular próprio, como disseram alguns alunos em ambas as escolas, pôde-se notar que essa não é uma

realidade tão distante deles. Em todos os casos, os entrevistados relataram que embora não tivessem um celular somente para si, não era difícil utilizar um, tendo em vista que familiares muito próximos sempre os tinham e deixavam usarem.

Deste modo, através da apresentação dos gráficos acima pode-se traçar algumas características a respeito do perfil dos adolescentes que participaram da pesquisa, bem como acerca das redes sociais mais utilizadas por eles, a frequência com que costumam acessar, e ainda qual o aparelho mais usado para acessar as redes sociais. Sendo assim, segue-se apresentando as demais informações, tratando agora das perguntas abertas.

Quando questionados sobre considerarem as redes atrativas e interessantes, todos responderam unanimemente que concordavam com tais características sobre as redes sociais, apontando diversos motivos para as conceberem de tal modo. Neste sentido, o que mais aparece nas respostas dos adolescentes é que as redes sociais possibilitam a comunicação com amigos e familiares distantes, sendo de grande importância para fazer novas amizades e conservar as existentes.

Diante disso, podemos perceber que vivemos numa época em que as novas gerações conduzem os seus relacionamentos utilizando-se de novos instrumentos, ocasionando por meio da utilização de recursos tecnológicos transformações sociais, reconfigurando o processo de subjetivação nos indivíduos, deixando claro que na atualidade somos atravessados por novos elementos na construção da subjetividade.

Conforme discutido em outros momentos, as redes formadas pelas mídias sociais fazem referência ao conceito de Rizoma dos autores Deleuze e Guattari (1995) que se configura enquanto um plano que é

[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 22).

Pelo exposto, percebe-se o espaço das redes sociais enquanto um plano aberto, amplo e liberal que permite transformações contínuas. É como um campo dos processos subjetivos em que as linhas de segmentaridades atravessam livremente, tal como em um rizoma. Assim, no contexto contemporâneo onde é predominante a participação de adolescentes nos espaços virtuais, vê-se que estes sujeitos são fortemente atravessados pelos numerosos elementos transformadores da subjetividade.

O que também aparece na maioria das respostas, é que as redes sociais são como fonte de informações que lhes permite manter-se atualizados acerca do que acontece ao seu

redor, como é o caso da adolescente de 14 anos da EMMECL, que escreveu: *“eu considero as redes sociais atrativas e interessantes, porque eu gosto de ficar por dentro de tudo sobre a internet”*. No mesmo sentido, outra aluna da mesma escola respondeu: *“porque podemos saber o que está acontecendo no mundo”* e outro aluno: *“porque através das redes sociais estamos por dentro de tudo, vendo notícias”*.

Não diferente, alguns adolescentes da EMRT, colocaram que as redes sociais são interessantes, pois: *“elas trazem informações de todo mundo”* (FERT, 15 anos), *‘porque possibilita que uma informação do outro lado do mundo chegue de maneira rápida’* (FERT, 15 anos), *‘porque tem muita informação nela e várias outras coisas pra gente tá buscando’* (MERT, 14 anos).

Sobre isto, destaca-se o posicionamento de Pierre Levy (1999) que defende o ciberespaço como o ambiente propício para ampliação e democratização do conhecimento. Segundo o autor, a partir da tecnologia de informação e comunicação os indivíduos se mantêm interligados, fazendo com que os diferentes saberes se desterritorializem, se cruzem e se produzam, ocasionando no que ele chama de inteligência coletiva, que nada mais é que o conhecimento disponível a todos sem distinção.

Por outro lado, as redes sociais são interessantes e atrativas, porque: *“eu gosto de ver o que as pessoas estão fazendo”* respondeu um aluno de 13 anos da EMMECL, assim como outro aluno da EMRT, 16 anos respondeu: *“porque visitamos perfis e vemos o que as pessoas fazem no seu dia-a-dia”*

Além disso, as redes sociais são apontadas também como uma ferramenta de distração e entretenimento para eles, pois possibilita uma série de atividades legais para passar o tempo, como postar e ver fotos e vídeos do interesse deles, sendo ainda um instrumento de pesquisa de trabalhos escolares, possibilitando o aprendizado de coisas novas e atuais.

Deste modo, as redes sociais são apontadas pela maioria dos adolescentes como uma ferramenta de grande importância para a aproximação com outras pessoas, bem como para o acesso à informação de qualquer parte do mundo, permitindo que eles se mantenham atualizados sobre tudo que acontece no mundo de forma rápida e eficiente.

Em relação ao questionamento “O que você gosta/costuma fazer nas redes sociais?” percebe-se muitas semelhanças nas respostas dos entrevistados. Grande parte dos alunos da Escola Municipal Reunida da Tresidela responderam que gostam de ver fotos, vídeos, notícias e visitar perfis de outros usuários. Nesta escola, 16 adolescentes que representa mais da metade dos alunos, descreveram essas atividades como sendo as



principais. No mesmo sentido, pelo menos metade dos alunos apontaram que costumam conversar com seus amigos por meio das redes sociais.

Ainda diante da mesma pergunta, os adolescentes disseram que gostam de realizar postagens em seus perfis, o que inclui fotos, vídeos e mensagens de texto. Além disso, costumam interagir com seus amigos ou seguidores por meio de reações como curtir e comentar nas publicações compartilhadas. Enfim, como escreveu um aluno, se faz “*de tudo um pouco*” nas redes sociais.

Tratando-se da Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima, a maioria dos adolescentes responderam que costumam conversar nas redes sociais. Esta atividade aparece em primeiro lugar, sendo apontada por 15 dos entrevistados. Em seguida, aparecem outras atividades como postar fotos, acompanhar perfis, ver fotos e vídeos e responder tarefas e trabalhos escolares. A resposta de uma aluna, resume o que esses alunos gostam de fazer nas redes sociais: “*conversar com as pessoas, olhar status, curtir fotos das pessoas, entre muitas coisas*”

Raquel Recuero (2009) coloca que as interações mediadas pelo computador, entendido aqui como qualquer dispositivo que permite o acesso às redes sociais, são geradoras e mantenedoras de relações complexas, bem como de diferentes valores que servem para construir e manter as conexões na internet.

Deste modo, as interações nas mídias sociais que podem se realizar de diferentes maneiras funcionam como suporte de fortalecimento para a permanência no espaço virtual. Assim, quanto maior a quantidade de elementos que permitem essas interações de forma dinâmica maior será o interesse por participar desses espaços. Logo, diante das falas dos entrevistados no questionamento anterior foi possível constatar as diversas atividades que realizam nas redes, fazendo-nos confirmar as colocações defendidas por Recuero (2009).

Assim, se comparado os dados obtidos nas duas escolas, pode se vê que os resultados apresentam poucas variações, tendo em vista que as atividades realizadas pelos diferentes adolescentes são praticamente as mesmas. Deste modo, percebe-se que os adolescentes costumam aproveitar de todas as possibilidades disponíveis nas redes sociais, pois suas atividades variam de bate-papo à acompanhamento das postagens dos outros usuários. Em todo caso, elas são vistas como uma ferramenta de entretenimento e diversão, mas sobretudo de interação.

O questionamento seguinte buscava saber que tipo de páginas e perfis eram predominantes nas redes sociais de cada adolescente, a fim de conhecer que elementos se

faziam presentes em seus gostos subjetivos ou sobre o que estes demonstravam maior interesse.

Assim, diante das respostas foi possível notar grandes semelhanças nas páginas e perfis apontados pelos meninos, assim como foi notável que meninas descreveram coisas parecidas, se formando então dois grupos distintos. Neste sentido, os dados serão apresentados com base nessas distinções, evidenciando as diferenças observadas entre o gosto dos meninos e o gosto das meninas, vide a tabela abaixo.

**Quadro 05:** Páginas e perfis apontados pelos alunos

<b>Grupo</b>	<b>Páginas/perfis apontados</b>
Masculino	Páginas de futebol, memes, vaquejada, zueira, jogos, famosos motos, militares, videogame, música, comédia, políticas, notícias, tecnologia, automobilismo, esporte.
Feminino	Páginas de humor/memes, frases reflexivas, blogueiras, estudos, fofocas, moda, dança, culinária, festa, séries, maquiagem, famosos, roupas, notícias.

**Fonte:** Gomes (2020)

Dito isto, vê-se que há preferências variadas quando se observa as colocações de meninas e meninos. Por meio das respostas é possível perceber que há elementos não comuns aos dois grupos, como futebol, jogos, motos, militares, esporte e outros que não aparecem na parte das meninas e elementos como blogueiras, moda, culinária, maquiagem, roupas e outros que não são apontados pelos meninos. No entanto, páginas de memes/humor e notícias estão presentes em ambos.

Vê-se que a partir das respostas dos adolescentes, exterioriza-se diversos aspectos de sua subjetividade, percebida não só pelo que ele costuma publicar, mas também naquilo que aparece no seu perfil, ou seja, as páginas que ele segue. Vê-se que o espaço virtual se transverte num território propício para relações rizomáticas, uma vez que permite a criação de múltiplos “Eus”, dependendo meramente das relações que se estabelecem.

O território das redes sociais como um rizoma, caracteriza-se enquanto um espaço múltiplo de possibilidades que permite ao adolescente “escolher” e se configurar subjetivamente de diversas maneiras possíveis, pois de tudo pode ser encontrado na rede. Por meio disso o adolescente tem a capacidade de estabelecer relação com esses elementos e

construir sua subjetividade cotidianamente, através desses dispositivos que estão sempre em movimento, abrindo novas oportunidades de encontros e agenciamentos.

De igual modo, também se aplica a metáfora de Goffman (2002) sobre as interações sociais como uma peça teatral. Por meio da colocação de muitos adolescentes que disseram usar as redes para publicar fotos suas, pode-se presumir que as páginas que eles seguem servem para dar maior sustentação à imagem que eles buscam sustentar nas redes.

Neste sentido, aquilo que é exposto e o que é consumido são usadas em conjunto e ganham fortes significados na construção subjetiva, bem como nas representações que o indivíduo tenta apresentar aos que estão ao seu redor.

Foi questionado também se os adolescentes consideravam as redes sociais importantes para as suas relações pessoais, com o objetivo de compreender até que ponto os mesmos levavam em consideração a questão das interações no espaço virtual, ou seja, qual o grau de importância que as redes sociais possuem nos relacionamentos atuais.

Desta feita, foi possível traçar três perfis de acordo com as respostas dos entrevistados, sendo eles os que responderam que sim, representando a maioria, os que relativizaram a questão e aqueles que responderam não.

Na Escola Municipal Reunida da Tresidela, 15 alunos responderam que as redes sociais são importantes sim para as suas relações pessoais, sobretudo quando se trata de conversas com pessoas distantes, sejam elas conhecidas ou não. Assim, de acordo com esses alunos, é importante

“Porque é através delas que podemos falar com quem quisermos, a hora que quisermos, sem precisar da presença da pessoa a todo instante para conhece-la melhor” (FERT, 15 anos)

“Facilita no convívio com as pessoas e nos aproxima mais das pessoas, nos faz ter mais intimidade com elas” (FERT, 15 anos)

“Faz com que eu me mantenha mais presente na vida dos que moram longe, e também permite mais aproximação com os próximos”. (FERT, 14 anos)

“Porque quando conheço uma pessoa que mora longe e fico sem falar com ela, aí as redes sociais vai estar ali pra ajudar” (FERT, 14 anos)

“Pois através dela podemos acompanhar o dia a dia dos amigos e familiares.” (FERT, 15 anos)

“Pois eu posso interagir com as pessoas que eu conheço e também com as pessoas que eu não conheço.” (MERT, 14 anos)

“Porque não é todo os dias que a gente ver nossos amigos e uso as redes sociais para bater um papo.” (MERT, 16 anos)

“Pois podemos ir a fim nas nossas relações. Nos aprofundar nas relações e os namoros hoje são vindos das redes sociais.” (MERT, 15 anos)

Na Escola Maria Elisa Cunha, a maioria dos alunos também disseram que consideram as redes sociais importantes para suas relações pessoais, assemelhando-se com as colocações dos alunos da escola anterior. Desta feita, segue algumas respostas, referentes ao mesmo questionamento acima.

“Sim, porque foi assim que encontrei minha primeira namorada e eu posso falar com todos que conheço”. (MEMEC, 15 anos)

“Sim, porque posso conhecer outras pessoas por elas” (FEMEC, 14 anos)

“Sim, porque através delas conhecemos novos amigos” (MEMEC, 15 anos)

“Sim, para conversar com pessoas que convivia muito comigo pessoalmente e hoje só pelas redes sociais” (FEMEC, 15 anos)

“Sim, pois é até mais fácil, não precisa tá se locomovendo muito” (MEMEC, 14 anos)

Por meio dessas colocações vê-se que as redes sociais são de grande importância para esses adolescentes que costumam manter e estabelecer novas relações através desses espaços, o que permite que eles sejam atravessados de maneira muito forte e intensa por elementos produtores de subjetividade da sociedade atual.

Por outro lado, observa-se alguns alunos que relativizaram essa questão, colocando que:

“É relativo, porque embora aproxime de certa forma algumas pessoas, se fugir do nosso controle pode afastar as pessoas, gerando cada vez mais, pessoas antissociais e frustradas.” (FERT, 14 anos)

“Por um lado, sim, mas por outro lado para mim as verdadeiras relações pessoais são aquelas ‘cara a cara’, pessoalmente.” (MERT, 15)

“Mais ou menos, uma parte ela é boa porque nos sabe das notícias e outras é ruim porque ver muita mentira.” (MERT, 15 anos)

“Às vezes sim, para falar com uma pessoa que mora distante de você, ou um amigo, uma pessoa familiar.” (MERT, 14 anos).

“Algumas vezes sim, para conhecer novas pessoas” (FEMEC, 15 anos)

“Acho que algumas coisas têm que resolver pessoalmente” (MEMEC, 16 anos)

Neste sentido, vê-se que alguns entrevistados das duas escolas não consideram em todo caso que as redes sociais são importantes para suas relações, revelando não serem tão dependentes destas redes e mostrando que embora elas estejam bem presentes na vida cotidiana ainda se faz importante os relacionamentos mais tradicionais como colocado pelo entrevistado ao afirmar que as verdadeiras relações são aquelas “cara a cara”.

Em contrapartida, encontramos algumas respostas na qual os entrevistados discordaram totalmente das redes sociais enquanto importantes para suas relações pessoais. No entanto, em nenhuma das respostas foram encontradas justificativas para tal concepção.

No entanto, o consenso de que as redes sociais são importantes para as relações pessoais dos adolescentes são apresentadas de maneira expressiva nas duas escolas, revelando que eles reconhecem a influência das redes sociais na formação e manutenção de suas interações com outros indivíduos.

A partir de todo o arsenal de contribuições disponibilizados pelos adolescentes através da pesquisa aplicada, podemos constatar que as redes sociais funcionam como um importante favorecedor dos laços intersubjetivos, utilizado principalmente para estreitar suas relações com os outros, para exposição de suas ideias, pensamentos e opiniões, bem como para entretenimento e diversão.

A pergunta que se segue, questionava se os adolescentes se sentiam seguros quanto a sua privacidade no espaço das redes sociais, a fim de compreender como eles concebiam a segurança neste espaço, considerando os riscos de estarem imersos nestes sites que vez ou outra apresentam casos relacionados ao vazamento de dados, invasão de privacidade e outras.

Na Escola Municipal Reunida da Tresidela 10 alunos responderam que se consideram seguros quanto a sua privacidade nas redes sociais. Na Escola Municipal Maria Elisa Cunha Lima, a maioria dos alunos também responderam que se sentiam seguros quanto a sua privacidade nas redes sociais. Segue abaixo, as respostas dos entrevistados

“Sim, porque eu não posto nada fora do limite.” (MERT, 16 anos)

“Sim, porque lá eu vou está guardando fotos e cuidando da minha privacidade.” (MERT, 15 anos)

“Sim, pois temos direitos e as redes sociais devem respeitar as nossas imagens.” (MERT, 16 anos)

“Eu me sinto segura nas redes sociais, pois sei que não vão querer fazer nada, pois não fiz nada para atingir alguém.” (FERT, 15 anos)

“Sim, pois minhas postagens não abrem possibilidade para invasão de privacidade, não utilizo localização, nem posto fotos polêmicas.” (FERT, 14 anos)

“Sim, porque acredito que o acesso a minha conta não seja muito grande, além de achar que não será usada para outros fins.” (FERT, 14 anos)

“Sim, pois é uma rede confiável, mas dependendo do que postamos, poderá se tornar uma ameaça ao usuário.” (FERT, 15 anos)

“Sim, porque quem tem acesso as minhas coisas é só eu.” (MEMEC, 15 anos)

“Sim, porque eu boto senha em toda parte.” (FEMEC, 19 anos)

“Sim, porque não ando postando coisas íntimas e nada assim.” (FEMEC, 14 anos)

“Sim, porque não acho perigo em usar as redes sociais.” (MEMEC, 15 anos)

“Sim, eu tenho controle nas minhas redes sociais.” (FEMEC, 14 anos)

“Sim, pois nas minhas redes eu não converso ou aceito todos.” (FEMEC, 14 anos)

Por meio da fala dos entrevistados, percebe-se que os adolescentes se sentem seguros e se justificam a partir do próprio controle que exercem em suas redes sociais, dando a ideia de que a sua privacidade depende inteiramente de como ele utiliza esses espaços, mostrando serem atentos aos efeitos provocados pela excessiva utilização dessas redes.

Neste sentido, evidencia-se a ausência de consciência por parte dos adolescentes entrevistados acerca da complexidade que é o mundo das redes sociais que utilizam, uma vez que estas não são totalmente controladas pelos usuários, podendo fugir de seu controle facilmente justamente por se configurar enquanto um espaço público.

Como discutido por Sennett (2015), o presente moderno apresenta grandes embaraços provenientes das concepções entre a vida pública e a vida privada. Na atualidade podemos perceber que o entendimento sobre esses diferentes espaços não é bem compreendido, tampouco considerados no cotidiano das redes sociais virtuais.

Em contrapartida, alguns alunos também relativizaram essa questão, colocando que:

“Nem tanto, pois elas não são tão seguras no quesito perfil pessoal.” (FERT, 15 anos)

“Mais ou menos, pois fotos e mensagens nem sempre estão seguras diante de uma rede social.” (MERT, 15 anos)

“Mais ou menos, porque não vou sair publicando qualquer coisa, mas também não acho muito seguro.” (MERT, 15 anos)

“Não muito, porque ninguém é 100% seguro nas redes sociais, sempre existe pessoas para fazer mal. Ex: hacker.”

“Meio termo, porque umas coisas são seguras e outras não.” (MERT, 14 anos)

“Meio termo, porque por um lado não é muito segura, mas por outro é seguro.” (MERT, 14 anos)

Diante disso, percebe-se que alguns adolescentes reconhecem a importância de se manterem seguros ou pelo menos se mostram conscientes dos perigos presentes no espaço

virtual, dos quais eles estão expostos. No entanto, é notável que esse número é bem menor em relação aos que disseram não verem problemas quanto a sua privacidade.

Os entrevistados que discordaram disseram o seguinte:

“Não, porque pode ser hackeado a qualquer hora.” (MERT, 15 anos)

“Não, como já aconteceu comigo mesmo. Fakes podem ver vídeos com nomes, fotos e informações.” (MERT, 15 anos)

“Não, porque hoje em dia o que mais vemos são fotos/informações privadas sendo espalhadas na internet.” (FERT, 15 anos)

“Não, na minha opinião nada nas redes sociais é seguro, através de uma postagem a gente pode ser criticado.” (FERT, 14 anos)

“Não me considero seguro, porque a qualquer momento posso ser hackeada.” (FEMEC, 15 anos)

“Não, porque alguém pode hackear meu facebook e botar coisas que não pode.” (FEMEC, 14 anos)

“Não, porque as vezes as pessoas podem pegar alguns dados seus e postar sem você gostar.” (FEMEC, 15 anos)

Como foi possível notar, há os que problematizam a questão e os que disseram não se sentirem seguros nas redes sociais, apontando diversos motivos para não verem segurança no espaço virtual, exprimindo certa preocupação quanto aos efeitos desses ambientes. Assim, as falas dos entrevistados denotam certa consciência sobre os perigos que o esse espaço possui, dado a sua característica pública.

A questão da privacidade, então, é encarada de maneiras diferentes, na qual tem os que usufruem das redes sem demonstrar preocupação quanto a essa segurança, sob a justificativa que possuem o controle sobre as suas informações e postagens, mantendo-se atentos ao que publicam e ao que fornecem na rede, a fim de evitar possíveis constrangimentos ao deslocar-se do espaço privado ao espaço público.

Dito isto, é possível notar que a utilização das redes sociais por parte dos adolescentes corresponde ao que foi defendido ao longo do trabalho, mostrando-se que elas se constituem enquanto um espaço de construção subjetiva, a partir das funções e utilidades propiciadas através do espaço virtual.

Assim, na medida em que a subjetividade é construída a partir dos múltiplos dispositivos que se fazem presentes na vida do sujeito, como defende Deleuze e Guattari (1995), podemos inferir que as redes sociais possuem potenciais significativos nesse processo de construção, uma vez que os relacionamentos se constituem e se estabelecem por meio desses espaços.

Diante disso, portanto, entende-se que essas novas formas de produção de subjetividade são fluidas tendo em vista que o virtual se atualiza constantemente e significativa celeridade, em um universo de linguagem e modos de relação que estão sempre se organizando e reorganizando em torno de afinidades compartilhadas, que de certa forma, favorecem o processo de desterritorialização e a expansão da comunicação que se estende a partir da internet, para um ambiente virtual que se atualiza de forma pujante nas telas de computadores e dos Smartphones, esse último, cada vez mais utilizado pelos adolescentes.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho que teve seu início a partir de uma inquietação pessoal desenvolvida através da utilização das redes sociais virtuais, demonstra o interesse em analisar e compreender o poder de atratividade destas plataformas sobre as gerações mais novas e, sobretudo, como elas se constituem como uma ferramenta produtora da subjetividade no momento atual.

A pesquisa esteve pautada teoricamente na concepção da subjetividade enquanto um processo de construção que ocorre a todo momento nos indivíduos. É um movimento contínuo que nem sempre temos consciência e assim não pode ser controlado. Não se constitui como um processo dado e acabado, mas essencialmente uma construção ininterrupta que utiliza os diferentes instrumentos sociais, culturais, maquínicos e outros para se movimentar.

Esta foi então a conceituação fundamental do trabalho, no entanto foram de grande importância também a teorização do público e privado desenvolvida por Hannah Arendt (2007), bem como a contribuição de Stuart Hall (2006) sobre o sujeito pós-moderno, a analogia do teatro de Goffman (2002) para explicar a importância das relações sociais na construção das nossas representações e os dados do CGI.BR a respeito da utilização das redes sociais no Brasil. Estes e outros autores foram de grande importância para a fundamentação e elaboração deste trabalho.

Assim, diante da pesquisa que culminou na versão final deste trabalho podemos tecer algumas considerações sobre a questão da construção subjetiva no adolescente frente às inovações tecnológicas que se fazem tão presentes na sociedade contemporânea e que cada vez se mostram com maior potencial de interferência na vida humana.

No primeiro dos três capítulos tratou-se da sociedade atual que conta com a multiplicidade das ferramentas tecnológicas e por isso designada como sociedade em rede por Castells (2005). Por meio disso, fica claro que na atualidade as tecnologias modernas estão em toda parte. É o que liga diversos países e pessoas, possibilitando a formação de uma nova estrutura cultural, a cibercultura de Levy (1999).

Deste modo, o ciberespaço é uma realidade no contexto contemporâneo que permite em grande escala a interação social, aproximando pessoas e ideias por meio da virtualidade. Nesse sentido, caracteriza-se como um espaço de grande atratividade para os adolescentes que possuem notável capacidade de domínio dessas ferramentas tecnológicas e as utilizam de todas as maneiras possíveis.

Contudo, como foi discutido também no capítulo 1, o espaço virtual se caracteriza como espaço essencialmente público e por isso em diversos momentos necessita de certo controle quanto a auto exposição, uma vez que constantemente acaba gerando situações constrangedoras para o usuário, quando não se têm consciência dos seus efeitos.

No segundo capítulo, foi discutido a respeito da constituição do homem enquanto um ser subjetivo que está para além de uma identidade fixa, imóvel e acabada do sujeito cartesiano. Antes de tudo, entende-se este indivíduo como participante de um constante processo de construção subjetiva que está sempre em movimento, sendo atravessado por linhas que lhes possibilitam construção e desconstrução.

Assim, através da utilização das redes sociais virtuais que se estabelece num espaço onde o fluxo de informação é incessante, o adolescente contemporâneo tem sua subjetividade construída a partir do que ele vivencia na rede, uma vez que este espaço surge como um ambiente propício para novas experiências, fantasias, sonhos e desejos, servindo para assegurar a sua representação no mundo.

No terceiro capítulo, tivemos a exposição dos dados da pesquisa onde foi possível concluir que o adolescente grajauense utiliza as redes sociais com frequência moderada a intensa, sendo esse uso destinado a variadas atividades. Dentre as atividades citadas, destaca-se a interação com os demais usuários, o que nos permite afirmar que em maior ou menor grau as redes sociais virtuais estão a interferir na construção da subjetividade desses adolescentes, tendo em vista que ele é atravessado pelos discursos, ideias e pensamentos disseminados no espaço virtual.

Com a aplicação dos questionários foi possível perceber como os adolescentes concebem as redes sociais virtuais e a importância delas para seus relacionamentos, de modo a contribuir na sua construção enquanto sujeito. Estas estão inseridas em seus cotidianos e são uma das principais ferramentas de aproximação com outros indivíduos, tornando dinâmica a interação social e a aquisição de novos elementos identitários.

As redes sociais, portanto, funcionam como um rizoma. Sua configuração multicultural permite a construção e a desconstrução dos modos de ser a partir de qualquer ponto. Assim, ao mesmo tempo em que o usuário consome ideias desse espaço ele distribui fragmentos de si mesmo para os demais, proporcionando o atravessamento de linhas segmentarizadas.

Diante disso, portanto, nota-se que a compreensão da subjetividade como processo de subjetivação é de grande importância para a discussão do sujeito contemporâneo,

tendo em vista que na atualidade os meios de comunicação e informação estão a contribuir na transformação da sociedade de maneira intensa.

Deste modo, os estudos neste tema devem ser abordados de tempos em tempos, pois ele se caracteriza enquanto um campo rico em conhecimentos e merece maior aprofundamento por sempre apresentar a possibilidade de desvelar novos conhecimentos. Assim, estudos ulteriores podem trazer elementos desconhecidos e atuais sobre a questão, contribuindo na relação existente entre redes sociais virtuais e subjetividade.

Em todo caso, a presente pesquisa não visa cessar a discussão sobre o tema, mas antes de tudo colaborar na compreensão dele, mostrando-se aberto a novas interpretações e estudos. Por se tratar de um tema social é dinâmico assim como sociedade também é, sendo então passível de alterações e aperfeiçoamentos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marco Antônio, **O público e o privado em Hannah Arendt**. Universidade da Beira Interior / São Paulo, 2004. Disponível em [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=585](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=585) acesso em 08 de junho de 2018.

ARENDRT, Hannah. A condição humana. In: \_\_\_\_\_. **As esferas pública e privada**. Rio de Janeiro, Forense. 2007. Cap 2, p. 31-87.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990. Disponível < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm) > Acesso em 21 de Fevereiro de 2019.

BRITO, M. dos R. de. **Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada**. In: Alegrar n. 09 - jun/2012. disponível em; < <http://livrozilla.com/doc/571930/dialogando-com-gilles-deleuze-e-f%C3%A9lix-guattari-sobre-a-id...> > Acesso em: 02 de Outubro de 2019.

CASSIANO, Marcella e FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. *Psicol. Soc.* [online]. 2013, vol. 25, n.2, pp.373-378. Disponível em: < > <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/14.pdf> Acesso em: 07 de novembro de 2019.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018**. [livro eletrônico] / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. 3.800 Kb; PDF. [https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic\\_dom\\_2018\\_livro\\_eletronico.pdf](https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf).

CGI.BR.KIDS. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC kids online Brasil 2018**. [livro eletrônico] / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. 6.000 Kb; PDF. [https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic\\_kids\\_online\\_2018\\_livro\\_eletronico.pdf](https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic_kids_online_2018_livro_eletronico.pdf).

Deleuze, G. e Guattari, F. (1995). Introdução: rizoma. In G. Deleuze & F. Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 1). (pp. 11-37). Rio de Janeiro: Ed. 34. <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-voll.pdf>

Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**: vol.3. Rio de Janeiro: 34. <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol3.pdf>.

DELEUZE, G. **Conversações**, 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DURKHEIM, Émili. **Da divisão do trabalho social**. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203915/mod\\_resource/content/1/U-3%20-%20%2810%29%20GOFFMAN%2C%2BE.%2BA%2Brepresenta%C3%A7%C3%A3o%2Bdo%2Beu%2Bna%2Bvida%2Bcotidiana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203915/mod_resource/content/1/U-3%20-%20%2810%29%20GOFFMAN%2C%2BE.%2BA%2Brepresenta%C3%A7%C3%A3o%2Bdo%2Beu%2Bna%2Bvida%2Bcotidiana.pdf) acesso em 31 de outubro de 2019.

GONÇALVES, B. G.; NUERNBERG, D. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Volume 46, Número 1, p. 165- 182, Abril de 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/2647/2365> > Acesso em: 02 de Junho de 2018.

GUATARRI, Felix., & ROLNIK, Sueli. (1996). **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. Disponível em: [file:///C:/Users/Ismael%20Alves/Downloads/GUATTARI,%20Felix%3B%20ROLNIK,%20Sueley.%20Cartografias%20do%20desejo%20\[livro%20completo\].pdf](file:///C:/Users/Ismael%20Alves/Downloads/GUATTARI,%20Felix%3B%20ROLNIK,%20Sueley.%20Cartografias%20do%20desejo%20[livro%20completo].pdf) > Acesso em 23 de julho de 2019.

GUATTARI, F. (1992/2000). **Heterogênese**. In F. Guattari (Org.), *Caosmose: um novo paradigma estético* (pp. 11-95). São Paulo: Editora 34.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Jáder F.; DIMENSTEIN, Magda. Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 9-26, set. 2002. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482002000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200002&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 08 outubro de 2019.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NIZET, Jean e RIGAUX, Natalie. **A sociologia de Erving Goffman**; tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde (1965). **Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308)**. Genebra. Disponível em <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/38485/WHO\\_TRS\\_308\\_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/38485/WHO_TRS_308_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y) >. Acesso em: 19 de janeiro de 2019.

PEREIRA, Marília do Nascimento. **A SUPEREXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS: necessária cautela no uso das novas tecnologias para a formação de identidade**. Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/6-14.pdf>> acesso em 07 de junho de 2018.

PORTAL QEDU. 2018. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Nativeimmigrants. Onthehorizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: < <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> > Acesso em: 16 de setembro de 2019.

QUADROS, Amanda Maciel de; MARCON, Karina. Os conceitos de Público e Privado nas Redes Sociais e suas implicações Pedagógicas. **Revista espaço acadêmico** – n. 160 – mensal – setembro de 2014. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/24485/13516>> acesso em 09 de junho de 2018.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>> acesso em 31 de maio de 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry e cols. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. 16 reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 6 ed. 5 reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2005, vol.22, n.1, pp.33-41. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n1/v22n1a04.pdf> > Acesso em 20 de novembro de 2019.

SENNETT, Richard. O problema público. In: SENNETT, Richard, **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2014.p. 10 – 53.

SIFUENTES, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. (2007). **Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 379-385. Disponível < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n4/03.pdf> > acesso em 19 de Janeiro de 2019.

SILVA, Lídia Loureiro da. **Globalização das Redes de Comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais**. Biblioteca online de ciência da comunicação. 1999. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/silva-lidia-oliveira-globalizacao-Internet.pdf> . Acesso em: 04 de maio de 18.

UNICEF. **Panorama da Distorção Idade-Série no Brasil. 2018**. Disponível em: < [https://static.poder360.com.br/2018/08/panorama\\_distorcao\\_idadeserie\\_brasil.pdf](https://static.poder360.com.br/2018/08/panorama_distorcao_idadeserie_brasil.pdf) >. Acesso em 01 de janeiro de 2020.

VILELA, Augusto Nilo de Oliveira; IZIDORO, José Luiz. **Os fundamentos da verdade no pensamento de René Descartes: uma relação à sua época, uma proposta à nossa época**. *CES Revista*, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 53-71, jun. 2015. ISSN 1983-1625. Disponível em: < <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/309>>. Acesso em: 03 de Outubro de 2019.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam?  
**Caderno de Educação Caderno de Educação**, ano 20 - n. 49, v. 1, 2017/2018 - p. 19-42.

## APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO

UFMA

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – O ADOLESCENTE GRAJAUENSE E AS REDES SOCIAIS: LAÇOS E EMBARAÇOS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE.

**Eliene Coelho Gomes**

Escola: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Série em curso: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

**1. De qual (is) rede (s) social (is) você faz uso?**

( ) Facebook

( ) Instagram

( ) Twitter

( ) Whatsapp

Outras: \_\_\_\_\_

**2. Com que frequência você acessa as redes sociais?**

( ) uma vez por semana

( ) quase todo os dias

( ) todos os dias

**3. Quantas horas você passa conectado à internet/redes sociais diariamente?**

( ) não acesso

( ) menos de 1 hora

( ) de 1 a 2 horas

( ) de 3 a 5 horas

( ) de 6 a 8 horas

( ) mais de 8 horas

**4. Em qual rede social você costuma ficar mais tempo online?**

( ) Facebook

( ) Instagram

( ) Twitter

( ) Whatsapp Outras: \_\_\_\_\_

**5. Qual o aparelho mais utilizado por você para acessar as redes sociais?**

( ) celular

( ) computador

( ) notebook

**6. Você considera as redes sociais atrativas e interessantes? Por que?**

---



---



---



**7. O que você gosta/costuma fazer nas redes sociais?**

---

---

---

---

**8. Que tipo de páginas/perfil são predominantes em sua (s) rede (s) social (is)?**

---

---

---

**9. Você se considera seguro quanto à sua privacidade no espaço das redes sociais? Porque?**

---

---

---

**10. Você considera as redes sociais importantes para suas relações pessoais? Por que?**

---

---

---

---